

ARQUIVO REC004

Entrevistado: Ela pegava as mulheres que num dava certo ela levava no (inint 00:04).
Num sei se tá gravando já.

Entrevistador: Tá, já tá gravando.

Entrevistado: Pois é. Aí ela falou assim um dia, que ela adoeceu, ela falou assim: minha filha, meu serviço você vai pegar. Aí eu falei assim: tia, pra mim num dá, eu falei assim, porque eu sou uma pessoa nova, num sei como é que a senhora faz. Ela disse assim: não, você vai aprendeno, ela falou assim, você pega... olha como é que eu puxo as pessoas, ela falou assim... e as outras coisas você tem que primeiro eu peço a Deus. Bate na sua testa ali que você tem um pernilongo. Aí, fez assim... matou.

Entrevistado 2: Bem matado ainda. Tava gordo.

Entrevistado: É. Aí eu falei assim com ela... falei assim: mas, tia, num dá pra eu aprender. Siim, ela falou, você vai ajudar muita gente ainda, ela falou assim. E Deus sempre me deu aquele dom... e eu consigo fazer aquilo... aquilo que ela falou. Ela falou assim: o serviço que eu estou fazendo você vai fazer por outros, ela falou assim, mas nunca cobra... ela falou assim. Aquele que quer... der um presente pra você pode dar, ela falou assim, mas você nunca cobra. Aí eu sempre falo assim: Ah, aquele serviço que eu estou falando Deus está olhando eu falar, porque eu tenho muito negócio de Deus... que... eu falo sempre assim que eu sou muito muito negócio de Deus, eu falo que Deus ele é primeiramente, depois outras coisas... que sem ele nós não somos nada. Aí ela sempre falava: você pega meu serviço... e vai fazendo, não esquece, ela falou assim, se chegar alguém meia noite ou antes... depois de meia noite, você sempre atende.... ela falou assim, um bom coração. E eu sempre fiz até hoje, graças a Deus eu posso falar isso.... que eu sempre ajudei e estou ajudando ainda.

Entrevistador: E... e como que é? Como que funciona?

Entrevistado: Pra funcionar, pra puxar?

Entrevistador: Isso.

Entrevistado: Aí eu boto as pessoas na cadeira...

Entrevistado 2: Quer fazer comigo?

Entrevistado: É... eu quero mostrar pra... eu vou mostrar, vou fazer com a Simone. Eu vou fazer ou você quer fazer?

Entrevistador: Anh Anh (risos)

Entrevistado 3: Senta aqui ó...

Entrevistado: Senta aqui.

Entrevistador 3: Senta aqui porque aí não tem perigo.

Entrevistado: Aí eu pego as pessoas... não, primeiro eu medio... é... primeiro eu medio. Se a mão... tiver... mais... pequena, uma mais curta, aí eu pego essa mão, desce ela pra baixo, aí mexe no peito, né? Aí eu faço assim... no estômago dela, né? se você tem... isso aqui tem vento dentro. Se tiver vento, eu falo vento... uns fala gases, né? Aí se tiver gás por dentro aí você pode puxar que ela tá quebrada. Aí eu pego a mão pra cima, aí sacode até que junta dois... os dois dedo igual, que a mão... na mão nunca é igual, né? uma é sempre mais pequena se tiver quebrada. Aí eu pego assim... puxa, vou puxando, né? Aí ateeé que eu acertar. Aí eu olho assim... tá acertado. Aí eu venho, dobro ela pra baixo... aí eu puxo a pessoa... vou puxando. Aí eu troco a... o braço, aí puxa de novo... ... aí eu pego levanto o braço, aí faço de novo assim, né?... ...porque... a gente puxar assim que tá quebrado... você vai puxando...

Entrevistado 3: Não quer que puxa você não, né?

Entrevistado: Aí eu pego e bota pra trás as duas mão, né? e vou puxando assim... mas o da Simone num tá quebrado, não, estou só mostrando um exemplo, né?. Aí eu troco o braço, puxa de novo, aí eu levanto... os dois braços de novo, aí vou puxando até que chega no lugar. Aí assim eu vejo que tá igual aí eu olho assim se tiver igual... tá bom, pronto. Mas num tem nada errado não. Uma coisa melhor que tem...

Entrevistado 2: Mas aí a senhora vai... vai rezando enquanto isso. Vai fazendo uma oração.

Entrevistado: A oração faz na cabeça, eu só penso a mente com Deus. Eu não tenho um troço que fica... eu só penso assim: Deus vai me ajudar, vai ajudar as pessoas, e ele ajuda. Com fé em Deus que ele ajuda... ele nunca esquece a gente, eu falo mesmo.

Entrevistador: Então a senhora vai... vai rezando na cabeça?

Entrevistado: É na cabeça e meu pensamento tá. Eu não pego assim... e não sou pendera também não. Tem gente que já falou comigo assim: você é pendera. Graças a Deus, não.

Entrevistador: Quê que é pendera?

Entrevistado: Nem eu sei quê que é isso (risos) você me pergunta, aí eu falo assim: eu nem sei que que é isso. Se alguém me falar isso aqui, eu não sei não. Eu estou fora disso, né? eu mesmo falo... eu falo assim eu nem sei quê que é isso, eu falo. Aí eles olha assim pra mim... uma vez a mulher veio e falou assim: você podia fazer um negócio, lá em casa tem muita briga dentro de casa. Eu falei assim: minha senhora, eu não mexo com isso, eu falei assim, que eu sou uma pessoa... eu falei assim.... eu mexo com certas coisas, mas não com aquilo, eu falei assim. Ela falou assim: (inint 04:37). Falei não, minha senhora, não mexo com isso não. Eu sou uma pessoa assim dentro de casa pra ajudar os meus e a fé vale, vocês tem que ter fé. Se você tiver fé, você faz muita coisa. Agora, sem a fé, você não faz nada.

Entrevistador: E... e... vocês faz antigamente também, não sei... quando tinha alguma criança doente tinha uma oração que fazia, né? Dona Maria num fazia?

Entrevistado: Fazia.

Entrevistador: Você sabe essa oração? Não, né?

Entrevistado: Não sei fazer. A tia Maria fazia (inint 05:09) eu faço oração de... como é que chama? Meu Deus do céu... (inint 05:19) não, é outro... ..Sapinho eu faço...

Entrevistador: ah a do sapinho.

Entrevistado: Sapinho eu faço... Só pensar assim: você pega... nó, eu falo isso do jeito dela... nove caixinho de... muxinga você pega, aí você fala: pai do céu, tira aquilo dessa criança...

Entrevistador: Em pumerâni, né?

Entrevistado: em pumerâni...

Entrevistador: É.

Entrevistado: Você fala assim: ro... limpa (inint 05:40) aí você vai fazendo três... nove vezes, nove caixa de muxinga... em alemão (inint 05:49) aí você fala assim: limpa agora

(inint 05:52) vai fazendo as cruz, né? aí, do jeito que acabou, (inint 05:57) não tem nada errado. Do jeito que secou, acabou.

Entrevistador: Quebrava o galho, né?

Entrevistado: O galho... pega nove galho de muxinga. Aí você pega passa nove vezes em cruz, fala pra Jesus tirar esse mal da boca da criança. Muitas vezes na boca, muitas vezes na orelha, no pé, aí você fala assim ó... pra Jesus tirar aquilo... e tira. Quando o galho de muxinga tiver seco, vocês pode olhar que secou.

Entrevistador: Quantos dias? Sete dias ou menos

Entrevistado: tem vez que nove dias leva... igual esse tempo aqui, agora tá verde... leva ma... leva mais dias, né? Agora se fosse de calor mesmo... com nove dias seca tudo, não tem nada. Isso é igual o tempo, filha, assim as coisa acontece... .. eu falo mesmo que eu aprendi muita coisa com a tia Maria, agora se botar eu pra fazer um parto também, eu faço.

Entrevistador: A senhora já fez?

Entrevistado: Não, nunca fiz, mas eu faço. A ti... a tia Maria me mostrou aí ela falou assim: tanto tanto assim você tem que fazer...

Entrevistador: Como é que era? Como é que ela explicou?

Entrevistado: Ela explicou assim: quando o neném nasceu... aí ela falou assim, você tira quatro dedo do umbigo do neném, aí você amarra um barbante assim, aí você corta no meio... aí você pega e enrola um pano no umbigo do neném e dobra. Seca ele bem secado assim, ela explicava, aí você enrola o neném assim... mais calor melhor era, ela falava assim. E sempre eu olhava, ela mostrava... se for pra mim fazer, eu faço. Eu sempre falo, se apertar, se alguém falar assim: vem, Délia, me ajuda, eu estou aí pronta... eu ajudo, porque eu não tenho medo não. A minha irmã falou assim: você tá doida, menina. Eu falei assim: não, eu ajudo.

Entrevistador: Precisa colocar alguma coisa ou só um pano limpo já é suficiente?

Entrevistado: Um pano limpinho, ela falava assim, só limp... ela sempre limpava com... um pouquinho de álcool e água. Ela não pegava álcool puro, não.

Entrevistador: Não pode não, né?

Entrevistado: água e álcool ela pegava. Aí limpava assim primeiro o neném um pouquinho, aí depois passava no umbigo do neném. Aí deixava... e secava... aí tava bom. E ela fazia muitos partos...

Entrevistador: É... muitos.

Entrevistado: Num foi um só não... muitos.

Entrevistador: Mas aí desde a hora que a mãe começa a passar mal tem alguma coisa especial?

Entrevistado: Tem. Aqui a tia Maria dava sempre injeção, né? Mas tinha uns que num precisava injeção, chegava lá o neném já nascia antes, né? Tinha vez que nem chegava na cama dela... coitada... o neném já nascia. Tem mulher que tem filho fácil, mas tem mulher que sofre, né?

Entrevistador: Unhum.

Entrevistado: Aí eu sempre falo... é... um dia (inint 08:32) morava lá na Água Limpa, eles trouxeram ela de charrete, pensa bem, de charrete a pobre da mulher. Chegou lá entrou no quarto (faz um som com a boca) o bichinho nasceu. Então pode fazer o quê, né?

Entrevistador: Mas era o primeiro?

Entrevistado: Não. Eu acho... já tinha seis ou sete já. Era um atrás do outro assim... ela era uma mãe assim... igual rato que eles fala. Nunca vi. Agora eu já fui difícil arrumano, Nossa Senhora, eu sofri com meus filhos.

Entrevistador: Ô, Délia, deixa eu te perguntar outra coisa: você tem aqui aqueles panos que eles usavam antigamente na cozinha com aquela oração em pumerâni?

Entrevistado: Em pumerâni (inint 09:07)

Entrevistador: É?

Entrevistado: Eu só tenho o brasileiro

Entrevistador: o brasileiro...

Entrevistado: Aquele lá também é brasileiro...

Entrevistador: É... eu pensei que você tinha aqui...

Entrevistado: Não, aquele eu não tenho não, só tenho o brasileiro... tudo em brasileiro que eu tenho. Tem bem mais tempo que minha sobrinha me deu aquele lá

Entrevistador: E como que chama é... em pumerâno... a pessoa que puxa como você puxa?

Entrevistado: Treca...

Entrevistador: treca?

Entrevistado: chama treca...

Entrevistador: treca?

Entrevistado: Anham...

Entrevistador: E escreve isso com k?

Entrevistado: Isso eu num sei não...

Entrevistado 2: dois k...

Entrevistado: treca... puxava treca, né? esses dias eles vieram você sabe o que era pra fazer?

Entrevistador: hã?

Entrevistado: Lá em cima no... no... como é que chama aquele homem que vai casar a filha dele agora, no dia vinte?

Entrevistador: vinte agora?

Entrevistado: vinte agora... vai fazer (inint 09:53)...

Entrevistador: É pois é... o quebra louça...

Entrevistado: É... quebra louça... mas eu sei.. uns... uns pedaço eu sei... num sei ela toda...

Entrevistador: Não sabe a oração toda?

Entrevistado: Toda eu não sei, eu falei assim... se eu soubesse eu ia fazer...

Entrevistado 2: Como que é um pedacinho?

Entrevistador: Fala então...

Entrevistado: Um pedacinho?

Entrevistador: Unhum...

Entrevistado: Aí a moça (inint 10:10) começava assim:... (inint 10:12), ela falava assim, né? Aí dele: (inint 10:18), ela falou assim. Aí pegava uma taça, né? uma louça... uma caneca, né? (inint 10:26)... (faz uma som com a boca) jogava no chão. Aí ela falava as outras palavras de novo, mas aqueles nome eu aprendi todo. Mas ela botava assim lenço na cabeça, né? um pano, roupa velha, né? pra fazer (inint 10:37) Aí eu falei assim: se eu soubesse, eu ia fazer, mas eu num sei.

Entrevistador: Mas tem o (inint 10:43) em casa...

Entrevistado: Você tem?

Entrevistador: Eu tenho porque lá... porque eu fiz...

Entrevistado: Com quem... você arrumou isso aonde?

Entrevistador: Ahh... com amiga da mãe...

Entrevistado: Amiga da sua mãe?

Entrevistador: É...

Entrevistado: Pois é.

Entrevistador: Tá em alemão, então aí a gente traduziu pro pumerâni

Entrevistado: Pois é, eu pensei...

Entrevistador: O casamento é dia vinte, né?

Entrevistado: É... dia vinte.... pra fazer (inint 11:00) aí tem o quê? prato... né? tigela de...

Entrevistador: Cerâmica...

Entrevistado: de cerâmica e (inint 11:08), né? mas eu só tenho um prato, né? Se fosse pra mim fazer, eu só fazia com um prato. Eu não tenho caneca nem nada...

Entrevistador: Não... pode comprar na venda, né?

Entrevistado: É.

Entrevistador: Eles compram na venda hoje...

Entrevistado: Pois é... é difícil pra gente, num tem aquelas vasilhas e casa... Aí eu tava até (inint 11:20) quando eles vieram... num sei quem tinha falado, a dona Adélia tava, mas eu num tava não...

Entrevistador: E aí agora traduz aquele pedacinho que você falou pra ele anotar...

Entrevistado: Hã... a senhora já num anotou?

Entrevistador: Não...

Entrevistado: não? eu pensei...

Entrevistador: ela só tá gravando

Entrevistado: (inint 11:33)

Entrevistador: Tá... isso é o quê... em português

Entrevistado: em português? Agora que tá...

Entrevistado 2: hoje a gente veio aqui...

Entrevistado: Ah ... hoje nós viemos todos feliz neste casamento, para quebrar as louças... ... louças (inint 11:51) caneca, né? é... caneca... assim prato num é...

Entrevistador: é...

Entrevistado: é caneca, pratos... pratos, tigelas... ... eu sei que é um monte de troço que eles quebram... num é isso só, é um monte. Eles pegam um monte de prato. Eu sei que (inint 12:10) fazia, que aquele pedaço voava longe, mas ela jogava de força. Agora eu vou quebrar os prato, ela falava assim (inint 12:18), né? mas batia de força... aí voava

loonge os pedaços. Eu gostava de fazer isso também. Eu tenho que aprender aquele trem, minha filha, minha coragem é muito grande pra isso. Aí o meu marido tinha falado com ele, no dia vinte agora: não, a minha velha não faz isso... um pedaço ela sabe, mas num faz de tudo...

Entrevistador: Na vila tem algumas mulheres que faz...

Entrevistado: faz, né? pois é...

Entrevistador: lá em Juatuba... só que ela também já estão com mais idade e num tem ninguém que...

Entrevistado: Que ajuda eles então, né?

Entrevistador: que tá aprendendo pra continuar, né? aaa. Olha só...

Entrevistado: E tem que aprender. Isso nunca podia acabar se a gente pensar...

Entrevistador: Ano passado eu fiz, (inint 12:56) eu num... num sei

Entrevistador: Pois é... e é ruim. Eu gostava de fazer. Eu sei que é muita coisa que tem que falar

Entrevistador: Nossa era grande o verso... o verso era grande...

Entrevistado: Era... eu sei que era muita coisa que tem que falar.

Entrevistador: Pra trazer felicidade, sorte ao casal.

Entrevistado: É... tudo tudo tem lá no meio, mas nós não sabe tudo. Mas muita alegre que aquilo é, nossa vida. Fizeram quando a Simone casou, filha do Ricardo, acho que foi sim no da Simone. Não... é... Era tão gostoso fazer... escutar aquilo, nossa vida, quando a gente quebrava aquelas vasilha.

Entrevistador: Aí como é que é? Primeiro fala... do/da vida do... de solteiro...

Entrevistado: Fala... primeiro fala, né? Aí começa a quebrar as taças...

Entrevistador: não, mas como é que é a oração? Fala da vida de solteiro, falada da vida de casado?...

Entrevistado: é... todos dois jeito...

Entrevistador: da importância...

Entrevistado: Fala do solteiro e fala do casado depois, né? aí vai quebrando as louças, mas a gente num sabe a oração na cabeça, né?

Entrevistador: É...

Entrevistado: Se a gente tivesse era bom, mas a gente num sabe, né? A Simone mesmo sabe que é difícil a gente saber tudo. Terça-feira quando eu fui na mamãe eu até ri, a mamãe falou assim: “eu tenho uma neta, bisneta ela falou assim, fala tudo em alemão”. Aí eu tô quetinha, que ela tá com oitenta e seis anos, né? tô quetinha. Aí eu tô assim: mamãe, quem é essa bisneta sua? “Sua neta. Olha ela lá tão bonitinha”, ela falou. Olha ela lá tão bonitinha. Ela fala tudo, até lê em alemão a bichinha lê, nunca vi.

Entrevistador: Que bom.

Entrevistado: Aquela sim, aquela tem uma cabeça boa. Eu falo sempre, se continuar assim.

Entrevistador: Os seus meninos tudo fala pomerano, fala alemão.

Entrevistado: Fala. Eles fala, graças a Deus, todos eles. Não dá pra reclamar não, graças a Deus, eles fala. Agora eu queria ensinar esse pequeno. A mãe dele é brasileira, né? mas ela não importa. Eu conversa o dia inteiro em alemão com ele. Ah, hoje ele tava aqui eu falei com ele assim: meu fofa, deixa a vovó queta. Ele já começou a engatinhar, né? aí sobe em mim, puxa o cabelo, aí eu grito como que ele tá me machucando, né? Aí ele acha incrível.

Entrevistador: Aí que ele acha...

Entrevistado: Aí que ele brinca ainda. Eu falei maior alegria a gente tem com neto pra poder brincar. Nossa vida, é tão gostoso. Eu brinco muito com meu netinho.

Entrevistador: Aqui em Laranja da Terra você sabe de mais alguém assim que puxa aqui?

Entrevistado: Não sei não

Entrevistador: Não, né?

Entrevistado: Não sei por aqui não...

Entrevistador: E a/a tia da senhora puxava, mas a mãe da senhora não puxava não?

Entrevistado: Não... minha mãe não.

Entrevistador: E a tia da senhora aprendeu com quem?

Entrevistado: Com a bisavó

Entrevistador: Com a bisavó?

Entrevistado: Bisavó.

Entrevistador: Com a bisavó dela?

Entrevistado: É. Com a bisavó dela. Aquilo já é troço antigo que vem, né? eu...

Entrevistador: Eu não peguei o sobrenome da sua tia

Entrevistado: Maria Erdmann Hammel... ela é Hammel

Entrevistador: Hammel

Entrevistado: Maria...

Entrevistador: Como é que eu escrevo...

Entrevistado: Maria Hammel Erdmann.

Entrevistado 2: H. a. m. m. e. l

Entrevistador: E aí o...

Entrevistado: Ela é Erdmann.

Entrevistado 2: E. r. d.

Entrevistado: Eu num sei escrever.

Entrevistador: E. r. d

Entrevistado 2: m

Entrevistador: m

Entrevistado 2: a

Entrevistador: a

Entrevistado 2: n. n

Entrevistador: n. n... Erdmann. É isso?

Entrevistado: Isso... Erdmann... assim que fica mesmo: Erdmann

Entrevistador: A câmera tá aí, senão ela vai cair. Deixa eu tirar a câmera que aí ele pode brincar.

Entrevistado 2: Não, pode deixar. Pode deixar que ele não mexe. Não pode mexer, Marcos.

Entrevistado: Não pode pegar não. Fala que ele já é grande, né? nosso Marcos, né?

Entrevistador: pode brincar (rs) Mas aí ela aprendeu... ela aprendeu..

Entrevistado: Aprendeu com a bisavó...

Entrevistador: E como é que chamava a bisavó?

Entrevistado: Marta. Aquela eu alembro. Ela sempre falava Marta ela era...

Entrevistador: Marta.

Entrevistado: É.

Entrevistador: Aí era Marta o quê?

Entrevistado: Hammel. Ela era Marta Hammel. Eles era Hammel... era troço antigo, né? e... muito antigo (inint 16:34) Eu sabia que o meu avô ele tirava/... bisavô meu, né? ele tirava leite atrás da porta (inint 16:42)

Entrevistador 2: Como?

Entrevistador: Como é que era?

Entrevistado: Tirava porta/atrás da porta leite... Se vocês forem a casa de Simone, vou te mostrar quê que é. Você tem uma vaca boa, né? aí só precisava pegar numa toalha

branca que tirava o leite, não sei quê que falava, a vaca no outro dia não dava um litro de leite... Isso o meu bisavô fazia. Ahan... mas como que ele fazia...

Entrevistador: Mas como é que era? Ele pegava...

Entrevistado 2: Tirar num é tirar o leite, é acabar com o leite.

Entrevistador: Ele cabava com o leite

Entrevistador: Pegava e fazia alguma coisa com a vaca...

Entrevistado: Não...

Entrevistador: Como é que era?

Entrevistado: Ele diz que ele falava assim: eu vou mostrar se aquela pessoa vai te leite, num vai ter uma gota. E ia atrás da porta. Até hoje eu num descobri quê que fazia.

Entrevistador: Gente, que doideira.

Entrevistado: É. Assim ele fazia... meu bisavô. E o outro, meu vovô, aquele tinha mania de parar sangue, né? Se alguém se cortava, parava também.

Entrevistado 2: Marcos, não. Agora você tá ficando feio.

Entrevistador: Faz uma coisa: eu vou tirar a câmera aqui e deixa ele brincar.

Entrevistado 2: Não, pode deixar.

Entrevistador: Porque aí não tem nada de quebrar.

Entrevistado: Aí aquele já parava sangue, mas a gente não sabia como é que fazia. Antigamente tinha muita coisa.

Entrevistado 2: Ele não encostava na pessoa?

Entrevistado: Não, ele não encostava, ele só de longe assim... Lá tem uma pessoa que cortou... alguma coisa... num sei como é que fazia isso, passava.

Entrevistador: Tem nada de quebrar mais.

Entrevistador 3: Parava na mesma hora.

Entrevistado: Parava na mesma hora, isso ele fazia. Agora também não aprendi.

Entrevistador 3: Agora esse de fazer a vaca parar de dar leite é interessante.

Entrevistado: É... fazia...

Entrevistador 3: Porque a vaca/porque a vaca é o seguinte: que não tá acostumado com tirar leite/tirar leite da vaca, ela esconde o leite.

Entrevistado: É, esconde. Isso é verdade.

Entrevistador 3: O retireiro tem que acostumar com a vaca. Tanto que quanto troca de retireiro vai lá embaixo a produção. Agora/agora o cara olhar a vaca e ela não dar leite é estranho.

Entrevistado: Ele fazia isso que a vaca num dava uma gota de leite, isso ele fazia. Eu sempre falava com a mamãe... mas como é que ele fazia isso? Mamãe sempre falava assim: “Nem eu num sei. Acho que ele mexia com o demônio”, ela falava assim. (rs) (inint 16:38), ela falava assim. Ele morria de rir dela. E a mamãe já não era assim, naada disso, mamãe era só da igreja.

Entrevistador 3: Agora ele ia atrás da porta?

Entrevistado: O bisavô sim, ele ia atrás da porta.

Entrevistador 3: Ah tá, porque ele falava alguma coisa lá que não queria que ninguém escutasse.

Entrevistado: Eu acho que tinha isso mesmo.

Entrevistador 2: É.

(risos)

Entrevistado: De trás da porta, mas tinha que ter uma toalha branca. Antigamente num tinha aqueles sacos?

Entrevistador: Ahan.

Entrevistado: Da (inint 19:06) que falava, né?

Entrevistador: Um saco grande.

Entrevistado: Aí ele abria o saco, pendurava atrás da porta. Aí disse que ele falava assim: “hoje eu vou fazer uma coisa, ninguém vai ganhar uma gota de leite”. E num dava mesmo.

Entrevistador: E por quê que ele fazia isso?

Entrevistado: De ruindade.

Entrevistador: Ahhh

(risos)

Entrevistado: De ruindaade. Ele tinha essa menina de ruindade, Luzia. Eu sei que ele era muito difícil. Eu falo meu vovô... eu conto do jeito que é. Diz que veio o... eu vou contar a história, que é difícil a gente falar um troço desse. Aí meu vovô era esse (inint 19:39), né? Diz que ele foi falou assim/a mulher falou assim: “Seu Luz, eu trouxe meu filho... diz que você é muuito bom pra rezar ele”. Aí disse que o (inint 19:54) falou assim em alemão (inint 19:56). Aí o véio falou assim: (inint 20:01). Aí outro dia o véio melhorou, xingou em alemão aí a véia falou assim: “muuito obrigado, seu Luz, meu filho melhorou e Deus ajudou”. Aí o véio tinha falado assim: “aquele roubador de burro podia morrer”, que ele tinha falado. E ele/e ela pensou que ele tinha falado pra ele sarar. E ela rezou e ele tinha falado “tomara a Deus que aquele peste morra”... só burro ele tinha falado (risos). Antigamente era assim, né? Aconteceu cada coisa, a mamãe sempre fala. Aí quando a mamãe falou assim “(inint 20:35)”, aí a mamãe falou assim

Entrevistador: (inint 20:37) é vovô?

Entrevistado: Vovô... É. “(inint 20:39)”... o que ele tinha falado. Antigamente tinha esse negócio de roubar burro.

Entrevistador: Agora traduz, fala pra ele em português.

Entrevistado: o vovô tinha falado assim: “tomara a Deus que aquele desgraçado morre, porque ele só fica roubando burro”, o véio tinha falado, né? E... e era verdade isto... que o homem roubava muito burro, mas ninguém num sabia, né? E ele/e ela veio “eu quero que o senhor me ajuda, que salva esse menino”. E o véio rezando pra ele morrer, mas ele não morreu nada... o menino melhorou. (inint 21:18)

Entrevistador 3: Deu certo.

Entrevistado: Aí depois o véio tinha falado: “Nunca mais vou falar isso que ele tem que morrer”. Quê que foi? Você bateu em quê?

Entrevistado 2: No banco?

Entrevistador 3: No banco.

Entrevistado: Eu pensei que você tava batendo nela...

Entrevistador 3: Não.

Entrevistador: Não, ele já tá gostando de mim, já tá mais sossegado. Eu brinquei assim... fiz na barriga dele assim ó, a barriga dele faz barulho.

Entrevistado: Antigamente tinha muita coisa sempre. Eu sempre falava daquilo.

Entrevistador: Mas aí eles chegaram pro seu avô e falaram que ele era bom de reza por quê? porque ele realmente fazia as rezas?

Entrevistado: Não. Nunca o vovô fazia reza... nunca.

Entrevistador: De onde que a mulher tirou isso, gente?

Entrevistado: Mas diz que é um homem lá de Lagoa Preta que tinha falado: “vai lá que o véi Luz ele sabe fazer reza”.

Entrevistador: olha só

Entrevistado: Aí veio e... ele falou assim tomara a Deus que morre, não que fica vivo. E o filho ficou bom ainda, e a mulher confiou tanto, mas foi papai do céu que olhou. Eu falo isso porque ele confiou em Deus, né? porque se num existisse aquilo num tinha jeito (inint 22:15)

Entrevistador: E como é que chamava o avô? É...

Entrevistado: Luz... Luz (inint 22:18)

Entrevistador: Como é que é? Fie...

Entrevistado: Berga.

Entrevistador: Berga.

Entrevistado 2: Berg...

Entrevistado: Berg... e em alemão chama (inint 22:25)

Entrevistado 2: Junta tudo, né?

Entrevistador: É.... junta tudo... é.

Entrevistado: Você escreve pomerano também?

Entrevistador: Não.

Entrevistado: Eu pensei porque você tá anotando.

Entrevistador: Não, eu tô anotando só a parte em português... aí a senhora vai falando e eu vou entendendo, não o que a senhora tá falando em pomerano, mas o contexto todo eu vou digitando, entendeu?

Entrevistado: Aí você vai estudando...

Entrevistador: Aí as vezes a senhora fala alguma coisa aí ela falou alguma coisa em pomerano (risos)

Entrevistado: Aí dá certo, né? (risos) e como eu anoto muito rápido e minha letra é muito feia, só eu entendo minha letra.

Entrevistador: Tô olhando porque se (inint 23:03) num sei não.

Entrevistador 3: Num... num consigo enxergar a letra.

Entrevistador: Ninguém consegue ler a minha letra. É uma coisa assim... horrível. Olha aqui ó.

Entrevistado: Cada um tem uma letra... letra fina e num dá pra entender quê que é...

Entrevistador: Tá vendo?

Entrevistado: Marta deu

Entrevistador: É exatamente

Entrevistado: Aquele deu... O quê? É o sino, o relógio batendo.

Entrevistador: Aí tá vendo? Minha letra é feia mesmo.

Entrevistador 2: E quando o pessoal vem aqui a senhora dá um chá pra eles

Entrevistado: unun.

Entrevistador 2: Não tem necessidade?

Entrevistado: Dou nada

Entrevistador 2: nem um...

Entrevistado: Nada, nada disso. Só dou assim... se tiver uma pessoa com dor na garganta aí eu pego faço assim... arnica, trançagem... aquilo eu faço. Né? quando tiver dor de garganta isso eu sou...

Entrevistador: Um boldo pra dor de barriga.

Entrevistado: Boldo eu já sou difícil. Você sabe por que? O boldo ataca o fígado. Se vocês não souberem, boldo faz o fígado ficar com umas mancha branca. Eu num sabia daquilo, mas foi doutor Nivaldo lá de Vitória explicou isso pra mim. Se você por acaso mexer com veneno, não pega... toma um leite ou toma água. Você pega em casa chega, toma... pega um copão de água... geladinha... bota um pouquinho de açúcar. Aquilo ajuda a tirar o veneno do seu fígado. Eu não sabia. Isso o doutor Nivaldo me explicou. Porque eu já passei muito na minha vida... isso eu falo, né? Aí ele falou assim: “nunca se deve... se vem alguém lá na sua casa reclamar que o fígado tá doendo, você fala pra tomar esse remédio daqui ó: manda ele tomar água geladinha, geladinha”, ele falou assim... “e bota só um pouquinho de açúcar pra dizer que tá adoçado, aí toma”, ele falou assim... “mas não manda tomar tudo não, primeiro toma meio copo, depois toma o outro meio copo. E sara”, ele falou assim... “menos três vez por dia/ três dias fazer assim em seguida”, ele falou assim. Porque tem muita gente que mexe com veneno, né? Aí com aquilo ele falou assim: “as pessoas pensam ‘ah eu vou tomar leite’. Nada. Leite não resolve problema no fígado”, ele falou assim. “Leite ajuda o fígado a inchar”.

Entrevistador: Olha só.

Entrevistado: É. Isso ele explicou pra mim em Vitória. E eu quando eu fiquei seis meses lá, ih conversava tudo com essa gente. Em Pomerânia como em Jardineira eu tô lá sempre batendo papo.

Entrevistador: A senhora foi pra Vitória ficou seis meses por que/por conta de/por conta de alguma doença?

Entrevistado: É o câncer, né? que eu tinha no seio. Ah.. eu fiquei lá... primeiro eu ia vinte... vinte dia... tomava quimioterapia.

Entrevistador 2: Lá no albergue?

Entrevistado: É, lá no albergue. Eu tomava quimioterapia (inint 25:35). Eu ia descer, carro da prefeitura levava eu... eu tomava quimioterapia e vinha embora. De lá até...

Entrevistador: Sofrido demais...

Entrevistado: Pois é. De lá até aqui vomitando. De noite chegava em casa, graças a Deus que eu tinha uma nora, a Bete (inint 25:51). Ela fazia o comer pra mim, fazia folha de taioba. Quando eu comia... vomitava. Quando eu comia... vomitava. Aí ela falou assim: “mas você tem que comer”. Um dia ela falou assim: “minha sobre, você tem de melhorar com isso”. Quando me dava vontade de comer eu tinha que tomar aquela porcaria de novo, né? Era vinte e vinte dias. Agora rádio não, a rádio num é difícil não. A rádio se toma... aí eu fiquei direto lá em Vitória. Só vinha vez em quando que eu vinha. Aí ela tomava conta aqui em casa e eu ficava. Aí eu ficava lá direto assim, era melhor pra mim, porque todo dia num dava pra eu ir embora, porque era todo dia isso aí, né? a rádio, a químio não. Ô meu fofo, você veio ver/olhar a vovó? (inint 26:34), olha aqui o Marcos, neném. Vem cá brincar com ele, vem. Oh, ô meu fofo, prenderam a vovó aqui. (inint 26:46)

Entrevistador: Ah que delícia

Entrevistado: Ele sabe...

Entrevistador: É...

Entrevistado: Ele sabe quando eu falo (inint 26:57) Ai ai ai... foi vovó que me deu. (inint 27:03) Ele quer falar, tá vendo? (inint 27:12) Ui, é gostoso da vovó.

Entrevistador: Coisa linda...

Entrevistado: Vovó tá toda suada, fala... vovó tava trabalhando, né? Quê que você quer, neném? (inint 27:22)

Entrevistador: Ah, Adélia, lembrei de uma coisa que eles faziam com criança... com Marcos também eles fiz/fizeram... quando faz um ano, né? Uma bíblia... como é que era?

Entrevistado: Uma bíblia, (inint 27:42)

Entrevistador: Isso mesmo (inint 27:43)

Entrevistado: Um pedaço de broto?

Entrevistador: É.

Entrevistado: Pedaço de broto.

(inint 27:47)

Entrevistado: É um pedaço de broto...

Entrevistador: Deixa ela anotar...

Entrevistador 2: Não, pode falar que eu já anotei...

Entrevistado: Uma bíblia e um dinheiro.

Entrevistador: Ah, um dinheiro.

Entrevistado: É... se pegar o dinheiro primeiro, aí ele é gastador. (rs)

Entrevistado 2: Caneta, né?

Entrevistado: A caneta/a caneta/se pegar a caneta, aí ele gosta de estudar. Assim era a mania das pessoas. (inint 28:09)

Entrevistador 3: Se pegar o dinheiro é gastador?

Entrevistado: É gastador.

Entrevistador 3: E se pegar a bíblia?

Entrevistado: A bíblia... aí gosta de estudar.

Entrevistador 2: Me dá um paninho que ele tá babando.

Entrevistado: Nossa senhora, é babador.

Entrevistador: gosta de estudar...

Entrevistado: Trabalhar e estudar

Entrevistador 2: Tá nascendo dente, né?

Entrevistado: Tem dois já... em cima

Entrevistador: E o broto?

Entrevistado: Broto? Se comer broto, é comelão. Junta nada. (inint 28:30)

Entrevistador: Isso é quando faz um ano, né?

Entrevistado: É, quando tem um ano. Você bota no chão... a coisa, né? a que ele pegar primeiro...

Entrevistador 3: Se ele não pegar nenhum deles?

Entrevistado: Mas costuma sempre pegar.

Entrevistador: É porque é novidade, né?

Entrevistado: Meu menino...

Entrevistado 2: O Marcus pegou bíblia (rs)

Entrevistado: E meus dois... pegou todos dois dinheiro.

Entrevistador: Vai ser gastador.

Entrevistador 3: Gastador.

Entrevistado: É... porque eles são gastador (risos) (inint 29:04)

Entrevistador: Quê mais tem de costume assim aqui?

Entrevistado: É eu sabia... eu queria falar e esqueci... de como era antigamente.

(inint 29:20) ((transposição de várias vozes))

Entrevistador: Mas dona Adélia, quando o povo chega aqui pra senhora puxar... o quê que as pessoas tão sentindo?

Entrevistado: Dor no peito, eles reclama dor nas costas.... isso eles reclama tudo. Tem uns que tem dor de cabeça. Tudo isso a gente tem, né?

Entrevistador: Vômito, né?

Entrevistado: Vômito... uns tem/tem uns que tem desando... desandado, não sai do banheiro mesmo. Tudo isso eles tem. Esses dias pra trás, não tem nem muito tempo, deve ter uns três meses, veio uma pessoa que queria que eu fosse mudar pra Santa Maria pra eu puxar lá as pessoas. Eu falei: não, negativo. Eu tenho meu lugar aqui, eu vou ficar. Porque é muito difícil sair, né?... ..né? quê que você tá olhando? Ele gostou muito dele.

(risos)

Entrevistador: Ele achou feio... ele achou feio e tá olhando pra você impressionado. A sorte é que ele é um bom menino e num tá chorando.

Entrevistador 3: Aí num chorou, né? Se não ele taria chorando

(risos)

Entrevistado: Porque ele olha tão sério. Espia.

Entrevistador: Como é que é aqui assim é... o costume. Alguém passa mal eles leva primeiro na Adélia pra puxar e a Adélia fala... se num for pra você.

Entrevistado: É... se não for pra mim eu mando eles pro São João. Eu falo assim pra eles. Igual esses tempo pra trás, sogra da minha... minha filha, eu falo assim, ela tava doente... ela veio. Eu falei assim... olha, pra mim num dá não, vocês pode levar ela lá pro hospital, eu falei assim. Esse aqui não é caso pra mim não, que ela tá muito fraca. Eu falei assim... e eu num tenho soro nem nada, e ela tem que tomar soro, eu falei. Então... é... aí eles levaram ela pro hospital.

Entrevistador: Não tava nem andando direito mais?

Entrevistado: Não. Noite inteira ela ficou andando no banheiro pra fora e pra dentro, e aquilo faz mal. No outro dia a pessoa tá tão fraca que nem sabe o que faz. Que que você quer? Você quer ir lá, né, meu filho. Aqui não pode não, isso é o forro da vovó (inin 32:21)

Entrevistador: E essa questão de/de/de não deixar a criança olhar no espelho, é pamera será?

Entrevistado: (inint 32:38)

Entrevistador: É (inint 32:40)

Entrevistado: (inint 32:41) que fala.

Entrevistador: Pois é, como é que chama em pomerano (inin 32:43)?

Entrevistado: português?

Entrevistador: Português como é que traduz?

Entrevistado: Essa é inveja?

Entrevistador: Não

Entrevistado: Não, né inveja não.

Entrevistador: (inint 32:54)

Entrevistado: Eu gostaria de saber também porque... como é que a gente fazia isso. Fala (inint 33:02)

Entrevistador: Supertição

Entrevistado: É... supertição que fala.

Entrevistador: Não podia deixar a criança olhar no espelho antes de completar um ano... aí quê que acontece?

Entrevistado: Aí diz que aí fica caindo negócio nas vistas... num sei o quê... tudo é pura mentira, caí nada não. Isso é (inint 33:20) que eles fala.

Entrevistador: Supertição.

Entrevistado: Supertição... é...besteira.

Entrevistado 2: É, mas tem gente aí... os pomerano aí não deixa olhar. Eu deixava o Marcos olhar... noossa, eles ficava indignado comigo.

Entrevistado: Ele olha lá no espelho, aí esconde. Não tem nada a ver não.

Entrevistador: Aí o quê mais tem de superstição?

Entrevistado: Tem mais coisa...

Entrevistador: Pois é. Eu não tô lembrando agora... na hora não lembra

Entrevistado: A gente num lembra tudo, tem muita coisa... que existe, né?

Entrevistador: Não pegar pingo de chuva.

Entrevistado: É... se não ficava muito pintada. Isso é verdade.

Entrevistador 2: Mas como é que trabalha na roça?

Entrevistado: Não, mas isso é quando é pequena... antes de um ano não pode. Aí em alemão chama assim (inint 34:01)

Entrevistado 3: A minha sobrinha é toda pintadinha... aí ela fala que pegou chuva quando era pequena.

Entrevistado: Ela é pintada aqui assim, coitada. A mãe dela tomou muito sol.

(inint 34:14)

Entrevistador 3: Aí fica pintado se ficar na chuva?

Entrevistado: É... eles fala, né? mas acho que não. Coitada da mamãe, botava nós na peneira, chuva em cima...

Entrevistador 2: Porque eu tô pensando nisso... vai pra roça e leva o menorzinho.

Entrevistado: Antigamente eu sei que a mamãe sofria com nós. Mamãe tinha onze... um mês... e um ano e dez dias tinha menino. Sempre menino. Um atrás do outro. Onze filhos mamãe teve. Ela era uma mulher de onze filhos. Com oitenta e cinco/seis anos ela tem agora.

(inint 34:49)

Entrevistador 2: A diferença do mais velho pro mais novo é muito grande?

Entrevistado: Uai... igual a minha irmã mais velha era nascida dia três de abril (inint 35:06) ele tá com uns quarenta e dois o mais novo.

Entrevistador 2: então mais de vinte anos de um pro outro. Quase que/ a sua irmã mais velha quase que... filho da idade do irmão mais novo.

Entrevistado: Olha, foi difícil, eu falo. Nossa vida. Um filho atrás do outro a mamãe teve e uma luta, coitada. Ferida na perna até hoje ela tem. Até hoje tem ferida na perna. Ela quebrou resguardo, que eles fala. Aí então ela... a ferida... feriu no terceiro filho dela. Não, quarto filho dela. E nunca sarou e diz que não pode sarar, num sei se é verdade, né? a gente num sabe, né? a gente fala isso mas...

Entrevistador 2: E seu pais deu terra pra todos?

Entrevistado: Não. Nós tem assim tudo um pouquinho... você sabe é cinco alqueiro só. Cada um ganhou uma rapinha assim. Um monte tá lá ainda assim...

Entrevistador: você na época... você ganhou a terra ou a máquina de costura só?

Entrevistado: Naquela época eu ganhei minha vaca e minha máquina. Mas depois... que o papai tinha falecido aí meu irmão tinha comprado um pedacinho aqui de terra... ele deu pra mim. Aí eu herdei um pedacinho a toa, mas deu pra mim.

Entrevistador: Mas seu irmão?

Entrevistado: Meu irmão.

(inint 36:29)

Entrevistador: Porque antigamente as mulheres não ganhavam terra... só ganhavam a máquina.

Entrevistado: É... a máquina e a vaca de leite num ganhava, mas a mamãe deu minha vaca, deu minha máquina de costura, minhas galinha, me deu porco

Entrevistador: Quantos?

Entrevistado: galinha acho que ganhei quatorze cabeça, porco uma porca com três leitão ela me deu... e uma vaca ela me deu. (inint 36:55) Aí ela me deu a... como é que chama? Sabão era feito de.... sabão de pinhão.

Entrevistador: sabão de peão?

Entrevistado: É... sabão de pinhão e tinha o sabão de santanás que eles fala. Num sei que peão... hoje em dia num vejo aquela fruta mais... eu ia mostrar pro pessoal

Entrevistador: Sabão de santanás?

Entrevistado: Santanás que chamava aquela fruta... ela era redondinha

Entrevistador: Santanás?

Entrevistado: É. A mamãe botava nós tudo lá: “vai ficar abrindo as frutinha”. Aí nós ficava abrindo até que enchia a bacia. “Agora vão tocar na máquina” E nós sofria, viu? Pelo amor de Deus.

Entrevistador: Mas era um coquinho?

Entrevistado: Era tipo de um coquinho, mas só que ele era larga, ele num era redondo

Entrevistador: Era igual pinhão mesmo?

Entrevistado: É. Tipo um pinhão, mas eu num vejo aquela fruta mais. Num era pinhão.

Entrevistador 2: E de/de... torresmo prensado num...

Entrevistado: Também fazia... o sabão. Mamãe era boa pra fazer sabão, eu sempre lembro dela. Coitada, tudo ela fazia. Tirava leite, fazia manteiga, fazia o queijinho dela. Mamãe era uma boa pessoa (inint 38:04) E ela sempre trabalhava muito, nossa Senhora.

Entrevistador 2: E ela sempre... viveu/vive ainda?

Entrevistado: Tá viva ainda... tá... sempre viveu só comendo assim, nunca mamãe mexeu com veneno, isso eu falo. Hoje em dia tem muita gente que mexe só com veneno. E ela não, ela não aceita mexer com veneno. Ela mesmo fala: “não precisa, nós antigamente capinava”, ela falava assim. E é verdade... ela capinava mesmo.

Entrevistador: ah o pessoal passa pra (inint 38:31)

Entrevistado: “num pode”, ela falava assim. “Por causa disso que hoje tem tanta gente doente”, ela falava. E é verdade. Nesse ponto eu falo... que é verdade o que a mamãe fala. Porque hoje em dia, graças a Deus, eu falei... igual eu aqui em casa não mexo com

veneno, né? porque eu (inint 38:50) capinei ali um pedaço eu quero fazer/quer plantar o feijão. Eu preciso plantar o feijão... também gosto de comer as coisas...

Entrevistador 2: feijão preto?

Entrevistado: É feijão preto... é gostoso (inint 39:01)

Entrevistador 2: E antigamente se vivia bem com bastante banha de porco, né?

Entrevistado: Ahan, é só banha de porco. E eu sei que a mamãe tinha ferida na perna, e a mamãe num matava um porco só não... era quase de mês em mês um porcão. A família era grande... tinha que comer. Depois a bisavó tava lá em casa, tinha um tio do meu pai que tava lá, então na mesa era assim quinze dezesseis pessoas toda vez.

Entrevistador 2: Aí de manhã era broto?

Entrevistado: De manhã cedo era broto, manteiga e café. Aí todo mundo tinha que saber trabalhar.

Entrevistador 2: Num tinha bacon, num tinha...

Entrevistado: Não

Entrevistador: Ovo... de manhã cedo/de manhã cedo o quê? umas cinco horas da manhã também, né?

Entrevistado: Cinco horas da manhã. Sete horas da noite nós descia do morro, você sabe o quê que nós fazia? Lá na casa da mamãe tem um corgo grande (inint 40:07) Nós descia no corg/tava escurecendo... aí nós ia lá, todo mundo tomava banho. Eu tinha uma irmã (inint 40:13) que ela não gostava de água. Eu falei, nós era tão ruim... acho que nós vão pagar um dia, eu acho. Nós pega assim pelas pernas ela: “(inint 40:24), chega aqui, chega, pra nós olhar”. Suuuf. Ela dentro do corgo. Ela gritava porque ela não queria tomar banho... fria a água, né? Nós jogava ela na água. Na época de panha de café é frio já, né?

Entrevistador: Uhun

Entrevistado: Mas nós era tão ruim, nós botava ela dentro da água. Ela falava assim: “espera, vocês vão me pagar”. Aí um dia eu falei assim: você num tem vergonha... a água tá tão morno. Aí ela veio de novo, né? E como é que menino é ruim, né? Aí eu

falava assim: vem cá, põe aqui o pé. Aí ela vinha. E... Suuufit lá dentro A outra tava atrás (inint 40:52) O poço lá era fundo, era tão gostoso.

Entrevistador: Diz minha mãe que eles eram onze...

Entrevistado: Onze também.

Entrevistador: Aí eles botava um bacia... aí vinha do mais velho pro mais novo...

Entrevistado: Ai ai ai.

Entrevistador: E o mais novo só pegava aquele caldo de/de/de água preto que...

Entrevistado: Agora ela tá contando... eu vou contar a minha história. Antigamente quando nós era mais pequeninha aí a mamãe falava assim: “vem cá tomar banho”. Mas era só no sábado que nós tomava banho (inint 41:22) Vai escutando. Mamãe botava água na bacia, falava assim: “agora vocês vem, meus filho”. De vez da mamãe tomava banho nos mais velho, ela dava nos pequeno. Aquele catarro tudo ali no meio. E nós tinha tudo cabelo comprido, né? Mamãe falava assim: “vocês fica tudo aí, porque eu tenho de lavar roupa de vocês ainda”, mamãe falava. Tinha que lavar roupa, né? ela num tinha roupa. Aí eu/ela falava assim... começava do pequeno até o mais velho. Dava todo mundo banho, aí penteava o cabelo... cabelo nosso tinha tudo trança, né? aí fazia aquelas trancinha... eu com as minhas duas, a outra ganhava outra, outra, tudo trança. Aí fazia as tranças, aí a mamãe falava assim: “agora eu vou lavar as roupas, vocês fica quieto, não suuja não”. Coitada, que pecado. Eu sempre alembro daquilo, né? Mamãe não deixava nós sair pra fora mais dia de sábado, né? e a mamãe era limpa. Eu falo isso porque eu num sou tão limpa assim. Aí a mamãe limpava tudo: “fica quietinho lá” (inint 42:20) pronto, a mamãe falava. E quando dava broto de trigo? Que festa era aquilo... era só no natal

Entrevistador: Bolo de trigo?

Entrevistado: É.(inint 42:28)... em alemão chamava (inint 42:30) bolo de trigo... (inint 42:31)

Entrevistador: Ahan... só no natal que dava.

Entrevistado: Aí mamãe falava assim: “(inint 42:33)”

Entrevistador: Agora é natal tem que ter bolo de trigo

Entrevistado: É. Agora é natal nós tem que fazer bolo de trigo, a mamãe falava. Aquilo era uma alegria pra nós. Aí nós ia lá falava: “mamãe, vão fazer um hominho?” Aí nós ia lá fazia braço, cabeça, perna, tudo nós fazia pra comer. Quando chegava a hora... nem tava frio nós comia o broto já. O tanto que nós gostava. Hoje em dia isso pra mim não tem valor não.

Entrevistador: Só véspera... de véspera pro dia de natal.

Entrevistado: É... só. Outros tempos num dava, aí só era broto de fubá sempre. Nossa era tão difícil, quando chegava época de natal... ih... que gostoso.

Entrevistador: Mas aí de fubá com cará, com banana...

Entrevistado: É... com banana é...

Entrevistador: batata doce...

Entrevistado: Batata doce... tudo misturado...

Entrevistador: Mandioca também dava, não?

Entrevistado: Dava. Dava também, dava também.... com mandioca. Eu sei que a mamãe fazia muito broto. Nossa, gente.

Entrevistador 2: E a mandioca faz como? Porque com...

Entrevistado: A mandioca você pega, cozinha ela... aí amassa ela...

Entrevistador 2: Igual banana?

Entrevistado: Igual banana. Aí bota no meio.

Entrevistador 2: Põe no meio?

Entrevistado: É. Põe no meio do fubá... aí faz.

Entrevistador: Dá uma bro...

Entrevistador 2: Aí só põe no meio do fubá? Não põe mais nada?

Entrevistado: Não. Só com o fubá.

Entrevistador 2: Aí quanto de fubá que põe pra fazer?

Entrevistado: Uai a mamãe sempre... eu num sei quanto agora pra fazer, mas a mamãe pegava assim seis, sete litros de fubá

Entrevistador: Nossa.

Entrevistado: Aí fazia...

Entrevistador: É mas dezessete pessoas na mesa também.

Entrevistado: É... aí botava uma penelona de mandioca, cozinhava ela, socava, nem olhava se tinha aquele negócio no meio... se tinha...

Entrevistador: O talinho, né?

Entrevistado: É. Nem aquilo a mamãe num olhava não, misturava tudo no meio. Nós comia.

Entrevistador 2: E quanto de mandioca que colocava?

Entrevistado: Uma panelona ela botava no meio... nem sei quanto. Com certeza uma bacia assim mais ou menos.

Entrevistador 2: Aí o quê mais colo/aí colocava...

Entrevistado: Aí botava o sal, botava sal e botava água. Você sabe que num desce, né? Aí botava fermento, mas o fermento dela era de casa, num era igual o nosso fermento.

Entrevistador 2: O fermento era aquele... era aquele...

Entrevistador: Fermento de batata?

Entrevistado: É, não. Fermento de casa assim. O fubá azedo... que deixava o fubar ficar azedo... com aquilo fazia o pão.

Entrevistado 2: Aí quando colocava aqueles pão pra assar aí aquele resto, aqueles resto que ficava na bacia usava.

Entrevistado: Outra vez. Aí fazia na outra semana de novo, naquela mesma bacia. E tava azedo. Eu sei que era tão gostoso a mamãe fazia o broto ih...

Entrevistador 2: E põe açúcar também? Não?

Entrevistado: Não, mamãe nunca botava açúcar só o sal.

Entrevistador 2: fubá...

Entrevistado: E botava leite e... como é que chama? Um pouquinho de banha... banha ela botava.

Entrevistador 2: Banha?

Entrevistado: Banha tinha que botar porque a banha ajudava

Entrevistador: É o que dava o...

Entrevistado: O gosto do/do...

Entrevistador 2: Dava liga, né?

Entrevistado: Dava... então era uma beleza. Nossa, vida. Mamãe fazia cadas broa

Entrevistador 2: Então é: fubá, mandioca, banha de porco, sal, água e fermento de fubá azedo

Entrevistado: É. Fubá azedo

Entrevistador 2: Só isso ou tem mais coisa?

Entrevistado: Só isso. Num tem não.

Entrevistador: E dá pra fazer hoje em dia ainda esse fubá azedo, esse fermento de fubá azedo?

(inint 45:23)

Entrevistado: É só deixar um restinho assim na panela suja... mas tem que tampar, né?

(inint 45:35)

Entrevistador 2: Aí você põe o fubá...

Entrevistador: Não, não... é a panela suja.

Entrevistador 2: A panela suja da massa?

Entrevistado: Da massa... é...

Entrevistador: Que é o fermentado daquele restinho...

Entrevistado: Restinho... e de noite você faz a massa... de manhã cedo você faz de novo o pão. Aquele é fácil pra fazer.

Entrevistador 2: Aí você põe só o restinho, tampa, deixa lá e no dia seguinte...

Entrevistador: Na semana seguinte, né?

Entrevistado: É. Aí você faz...

Entrevistador 2: Uma semana pra fazer o fermento?

Entrevistado: Ahan... pra fazer o fermento.

Entrevistado 2: (inint 46:07)

Entrevistador: Aí então... café da manhã... broto?

Entrevistado: Broto... broto com café.

Entrevistador: E almoço?

Entrevistado: Almoço era polenta, mandioca, mamãe fazia... se fosse na época que tinha repolho, mamãe fazia aquela panelona de... repolho

Entrevistador: Repolho afogado...

Entrevistado: É. Mas com carne de porco ainda, ela fazia. Botava carne de porco no meio, cozinhava aquilo tudo junto... aí com aquela mandioca... oh, era uma delícia. Nossa não sobrava nada. Eu sempre falo... tão gostoso era aquilo

Entrevistador: No dia/ todo dia/todo dia?

Entrevistado: Mas quase todo dia mamãe fazia...

Entrevistador: Porque é... minha mãe é italiana, né? aí diz ela que era canjiquinha todo dia.

Entrevistado: É... tem uns que faz canjiquinha todo dia.

Entrevistador: Aí pra senhora era o quê? Aí já era... já era polenta...

Entrevistado: Polenta e... mandioca

Entrevistador: Mandioca

Entrevistado: Ahan

Entrevistador: E milho?

Entrevistado: Feijão também... feijão também, mas de milho era pouco assim. Só de polenta assim... aquele nós gostava.

Entrevistador: Batata?

Entrevistado: Batata doce fazia/fazia mandioca.

Entrevistador 2: Cará.

Entrevistado: Fazia cará... tudo isso tinha, né? Naquela época tinha muita comida

Entrevistador: E frango era no domingo?

Entrevistado: Frango só era no domingo. Nos outros dia num dava frango não. E no frango de domingo a mamãe fazia assim: picava era as cochas assim, cada um ganhava era um pedaço. E nós ficava quietinho. Ninguém de nós resmungava, falava “mamãe, hoje eu quero mais carne”. Era só aquele. Acabou, acabou. Assim mamãe era com nós.

Entrevistador: E carne de porco...

Entrevistado: Carne e porco no meio da semana era todo dia, todo dia mamãe fazia

Entrevistador 2: A vontade?

Entrevistado: É... a vontade. Você podia comer o tanto que você quisesse. Aqueles pedaços assim grosso mamãe cozinhava assim no meio do feijão. Nossa, aquele trem era gostoso, eu gostava daqueles pedaço assim. Era uma delícia. Eles sempre fala que faz muito mal, mas num é não. Ninguém num passava mal não...

Entrevistador 2: É que vocês gastava tudo na roça, né?

Entrevistado: É... gastava tudo na roça.

Entrevistador: É verdade.

Entrevistado: Nós nunca foi assim...

Entrevistador 2: (inint 48:03)

Entrevistado: Não, num tinha nada, nada disso. Era tudo troço da roça. E a mamãe pegava chuchu, eu falo, eu tinha um grotão assim... aí tinha o chuchu lá. Hoje em dia os jacu não deixa nada lá, eu falo, eu tenho um tanto lá, mas não fica um pra mim comer.

Entrevistador 2: Jacu como chuchu?

Entrevistado: Come... num fica nenhum. Aí a mamãe buscava aquele chuchu... num era só um pouquinho. Botava o calgueiro, você sabe? O calgueiro acho que é.... botava assim...

Entrevistador: A canga, né?

Entrevistado: É... no cavalo, aí botava aquilo de um lado e o chuchu do outro lado aqui... e vinha embora. Aí a mamãe pegava o chuchu aqui no meio...

Entrevistador: Calgueiro de chuchu?

Entrevistado: É... calgueiro de chuchu mamãe carregava. E cozinhava pros porco. Aí mamãe pegava falava assim: “ô, meus filho, eu fiz chuchu cozido assim”. Aí aquilo com manteiga, mas era gostoso. Mamãe num descascava o chuchu não, mas ela pegava um pedaço de chuchu, botava a manteiga em cima... e chupava assim. Era gostoso

Entrevistador 2: Deve ser bom com força.

Entrevistado: Era muito gostoso aquilo. Manteiga e chuchu quente é gostoso.

(inint 49:02) ((transposição de várias vozes))

Entrevistado: E banana era a mesma coisa.

Entrevistador 2: Ah, banana eu adoro

Entrevistado: Banana da terra com manteiga

Entrevistador: Agora deu até água na boca.

Entrevistado: (inint 49:21) é gostoso. Aí eu falei com meu velho que eles nunca comeram assim igual eu, eu falava assim vocês num sabe não.

Entrevistador: Eles comiam o quê mais

Entrevistado: Eles comiam assim só mais feijão, arroz, comida assim... que eles não eram chegado a comer verdura. Desse jeito num era... eles era pouca verdura.

Entrevistador: Mas aí já era na rua? Eles morava na rua ou era na roça?

Entrevistado: Não, eles morava na roça... eles não era assim.

Entrevistador 2: Mas eles é pomerano também?

Entrevistado: É, pomerano também... é tudo pomerano também.

Entrevistador 2: Mas aí comia diferente?

Entrevistado: É. Comia bem diferente do que nós. Eu sempre falo... quando eu era casada com meu marido eu falava assim: gente, como é que vocês comem? Eu gostava de comer isso aqui. “Han, isso é comer?” Até hoje eles fala. Ele é bem diferente. Ele num é igual eu. Eu ligo pra tudo... ah eu gosto de comer tudo.

Entrevistador 2: E aí como é que eles comia? Quê que a família dele fazia pra comer?

Entrevistado: Mais eu via eles comer era ovo frito com feijão e arroz... isso era o comer deles.

Entrevistador 3: Ovo frio, com feijão e arroz é bom também, sô.

Entrevistado: É. Aquilo é gostoso também... ovo caipira. Eu até ri hoje, veio um rapaz aqui queria ovo caipira, eu falei: meu filho eu dei duas dúzias lá pra igreja. Eu prometi que eu ia levar e levei. Aí falou assim: “mas por quê?”. Eu falei: uai, tinha prometido pra igreja, falei assim. Prometi dar macarrão... eu dei, falei assim. Aí falou: “meu Deus, eu queria ao menos uma dúzia pra mim comer.” Porque ovo caipira é mais gostoso.

Entrevistador: Muito mais

Entrevistador 2: Muito mais.

Entrevistado: Nossa senhora. Aquele é tão gostoso.

Entrevistador: E aí... almoçava... umas dez horas?

Entrevistado: Dez horas era o almoço

Entrevistador: Três horas... broto

Entrevistado: Não, duas horas era o broto.

Entrevistador: Duas horas?

Entrevistado: Duas horas era o broto.

Entrevistador: Aí subia o café e o broto?

Entrevistado: É. Aí tomava o café e o broto e de tarde...

Entrevistador: Lá na roça mesmo?

Entrevistado: Na roça.

Entrevistador: Nem descia pra cá.

Entrevistado: Uai, nós era assim... quando nós mudemos a primeira vez lá no laranjal, tinha um cafezal lá/lá em cima do morro. Eu sempre falo com a minha irmã: aquele nós tem que pagar. Mamãe mandava polenta pra nós... e ovo. Nós era bem pobre de primeira. Aí a gente num tinha nada pra comer. Aí nós tinha um cachorro grande, que pecado nós fazia. E o morro era bem a pique... então nós soltava a polenta e o cachorro ia atrás da polenta até lá em baixo. Que pecado nós fizemos, né? Aí eu sempre falo com minha irmã: isso é um pecado grande, eu falava assim. Ela falou: “mas nós num sabia”. O ovo nós comia, a polenta nós deixava pro cachorro comer.

Entrevistador: E não era ali na berada era morro abaixo.

Entrevistado: Morro abaixo.

Entrevistador 2: O cachorrinho tinha que fazer esforço, né?

Entrevistado: Tinha que fazer força pra pegar a polente. Quando chegava lá: pegou? Pegou... falava ainda. Meu Deus, que pecado nós fazia... que pecado.

(inint 51:54)

Entrevistador: Aí a senhora/a senhora tinha almoço lá no alto e tinha o café da tarde também.

Entrevistado: Sim, tudo no morro.

Entrevistador: Aí era a mãe da senhora que tava embaixo fazendo?

Entrevistado: Mamãe fazia e uma das filhas tinha que ficar aquela hora em casa pra levar o comer. Assim era as coisa lá em casa. E foi difícil, eu falo.

Entrevistador: Aí ficava até sete horas? Isso tudo?

Entrevistado: Sete horas... ahan. Chegava em casa no escuro... lá vem eu chegando. Devem vim pra puxar... eu logo sabia vim pra puxar. E quando vem assim pode saber.

Entrevistador 3: Aqui tem muito jacu?

Entrevistado: Ih... tem tanto

(inint 52:49)

Entrevistador 3: Lá em casa tem também.

Entrevistador 2: Lá em casa tem jacu também.

Entrevistado: É? Nossa, eles come tudo

Entrevistador 3: É... lá eles come os abacate tudo.

Entrevistado: Come tudo. (inint 52:59) Eu falo com meu pequeno: neném fez totô de novo. Ih eu falo. Aí ele ri já.

(inint 53:09)

Entrevistado: Deu muito arroz?

Entrevistado 4: Ó, Adélia, mas tem que secar ainda. Deu cinqüenta e seis saco.

Entrevistado: Graças a Deus, Arlindo

Entrevistado 4: Vai dar uns cinqüenta saco litro pra você.

Entrevistado: Deus ajuda você hoje

(inint 53:37)

Entrevistado 4: Eu não posso mexer com peso, você tem que me encostar também.

Entrevistador 3: Você pega no peso errado.

Entrevistado 4: Hã?

Entrevistador 3: Você pega errado no peso.

Entrevistador 2: Aí entorta a coluna.

Entrevistador 3: Você aprende a pegar no peso que você para de ter isso.

Entrevistado 4: Mas eu desde pequeno não posso mexer com peso não.

Entrevistado: Desde pequeno isso aí.

Entrevistado 4: (inint 54:17)

Entrevistador 3: Mas você num pega/pega errado... aprende a pegar.

Entrevistado 4: Se a minha irmã pegar um balde... daquele branco cheio de roupa... no outro dia ela pode correr... ...E meus outros dois irmão já pega um saco cheio assim, mesma coisa de nada.

Entrevistado: Eles já num tem nada. E eles são gêmeos... só que o outro num tem nada... esse aqui já passa mal. A mãe dele num anda, né? a mãe dele fica sempre na cama, coitada... ... Nossa, pessoa boa a mãe dele, coitada. Só que num dá pra ela poder.... falar assim: eu vou passear. Só se eles levar ela, né?... Ela ganhou isso também na pega de arroz, né, Arlindo?

Entrevistado 4: Uhun

Entrevistado: Ela ficou alejada e nunca mais sarou. Isso eu falo sempre, bobo. O governo tinha que olhar isso... porque...

Entrevistado 4: Faz vinte e seis anos que ela num anda.

Entrevistador 2: Tá doendo?... dói?

Entrevistado 4: Uhun.

Entrevistador: E aí ela/o dela dói o quê? é aqui a...

Entrevistado 4: Não. Agora ela num sente nada.

Entrevistado: Num tem dor nenhum.

Entrevistado 4: Nada. Agora ela só toma remédio pra dor de cabeça de vez enquanto.

Entrevistado: Agora ela num tem nada assim...

Entrevistador: Mas ela não sente as pernas, o...

Entrevistado 4: Nada, nada, nada. Ela joga as pernas pra lá e pra cá. Quem chega lá assim num fala que minha mãe num anda

Entrevistado: E ela num anda.

Entrevistado 4: Num tá magra, num tá gorda... tá normal assim

Entrevistado: Tá bonita, tem um cor tão boa... cor que chega a ficar rosa de tão rosa.

Entrevistador 3: Ela teve o quê ela?

Entrevistador: Só na cama...

Entrevistado 4: hã?

Entrevistador 3: Quê que teve?

Entrevistado 4: Quando ela tava mexendo no arroz aí ela... sentiu uma queimação aqui assim. De repente. Aí de pouco a pouco foi aumentando no corpo... a espalhar. Aí no quarto dia mais ou menos ficou fraca.

Entrevistado: E num andou mais.

Entrevistado 4: Num podia encostar assim. Devagarzinho você podia encostar assim que aí ela não sentia nada, mas depois piorou de vez (inint 56:14)

Entrevistado: Já tem tantos anos que ela tá sentada...

Entrevistador 3: Aí foi no médico de...

Entrevistado 4: De tudo, de tudo, tudo, tudo. Agora ela fala assim: ó, não vai no médico mais. Não adianta. Num sente dor, num sente nada.

Entrevistado: ninguém achou nada também nela.

Entrevistado 4: os médico fala assim (inint 56:33)

Entrevistado: Ela só num anda, coitada.

Entrevistado 4: Só num anda.

Entrevistado: Come bem... tudo.

Entrevistado 4: Se botar ela em pé, daqui pra baixo... ela não tem firmeza.

Entrevistado: É... no resto ela tem. É muita coisa, coitada... ...Ela teve gêmeo, três menino, né, Arlindo? Dois rapaz/quatro rapaz ela teve. Quatro rapaz e... três moça.

Entrevistador: De que família você é?

Entrevistado: (inint 57:06)

Entrevistado 4: Essa minha irmã que vai na aula agora, que tem quinze anos, ela ganhou ela depois que ela deu problema ainda.

Entrevistado: Ela ganhou essa menina ainda.

Entrevistado 4: Graças a Deus, e num deu nada ainda.

Entrevistado: A menina tá tão bonita... e tão bonita todo mundo fala: Meu Deus, agora ela vai nascer deficiente. E num nasceu nada. Nasce perfeitinha, coitada dela. Muito bonita. Graças a Deus a menina é muito bonitinha... Eu falo mesmo, é muito difícil.

(inint 57:36)

Entrevistador 3: Aqui deve ter muito passarinho, né?

Entrevistado: Eu tenho aqueles calopicitas ali.

(inint 57:48)

Entrevistado: Pensou: eu vou sentar ali e sujar a roupa nada. Mas ele foi esperto, que tem criança que num espera limpar não... eles pensa: eu vou na calcinha mesmo. Ele não. Esperou a mamãe, tirou.

Entrevistador 3: Melhorou? Melhorou?

Entrevistado 4: Melhora na hora hen.

Entrevistado: melhora na hora, ele fala.

(inint 58:13) ((transposição de vozes))

Entrevistador: A gente veio aqui ouvir umas histórias, né?

Entrevistado: Eles vieram pegar eu hoje aqui de surpresa. Vou ser castigada agora.

Entrevistador: De jeito nenhum

Entrevistado: Porque eu puxo, sabe? As pessoas.

Entrevistador: De jeito nenhum.

Entrevistado: Eles vão jogar eu pra frente agora pra receber mais (inint 58:48)

Entrevistador: Se fosse uns três dias atrás, aí eu ia pedir a senhora pra me puxar, porque eu tava com uma dor no peito que tava... mas tava assim me angustiando.

Entrevistado: Ahan.

Entrevistador: Mas agora já...

Entrevistado: Passou, né?

Entrevistador: Já melhorou já.

Entrevistado: Graças a Deus então

Entrevistado 4: (inint 59:04)

Entrevistador: Tem pouquinho tempo, né, que ela morreu.

Entrevistado 4: Depois quando ela morreu...

Entrevistado: Ela tem seis anos... de falecida agora.

Entrevistador 3: Uma das coisas mais gostosa que tem é sentar na beirada do fogão quando tiver (inint 59:21)

Entrevistado: Ah isso é verdade.

Entrevistador 3: Num é? (risos)

Entrevistado: É verdade... você falou tudo.

Entrevistador 3: a senhora já num faz mais (inint 59:30)

Entrevistado: Eu num uso ela não... só uso meu... fogão a gás.

Entrevistador 3: A gás, né?

Entrevistado: Ahan... Hoje cedo eu vim lá... eu tava capinando meu feijão... eu vim era nove horas, falei com minha nora assim: agora eu vou fazer meu almoço (inint 59:43). Ela falou assim: “você vai fazer almoço?”. Vou, eu falei assim. “Ah eu também vou fazer meu almoço”. Aí dez horas é a hora do almoço, né? Antes nós num almoça não, dez horas. Mas pra mim eu ia almoçar mais tarde, mas ele não passa, né? Mas quando for... por causa dele, sábado e domingo... aí pode ser lá de tarde assim... ele não procura almoço, ele só fica no boteco. Isso é o costume desse véio. Eu gosto dele, ihh... (inin 01:00:13), eu fala assim: por que você não almoça comigo, nem no dia de domingo. E num almoça mesmo não, nem dia de domingo. Só almoçano sozinho... só sozinho.

Entrevistador 2: Ele vai pro boteco.

Entrevistado: Ele lá no boteco. Seis horas de manhã cedo você pode vim aqui, aí ele arrasta pro boteco. Fica lá.

Entrevistado 4: Vão bora... Tchau pra vocês

Entrevistado: Tchau, Arlindo.

Entrevistador 2: Tchau

Entrevistado 4: Brigada, tá.

Entrevistado: De nada. Deus ajude que você sara.

Entrevistador 2: Legal esse negócio de puxar.

Entrevistado: Não, isso é uma coisa muito boa. Eu falo que tinha que ter mais gente. Eu tô explicando pra minha nora agora pra ela aprender. Eu falo assim: você sabe que eu já tô velha, você tem que aprender também. Tem vez que ela puxa já. Ela pega coragem e faz.

Entrevistador: Mas... ela é brasileira?

Entrevistado: ela é brasileira

Entrevistador: e o pessoal não estranha?

Entrevistado: Não... eu converso com ela em alemão. O pessoal pode falar com ela... ela sabe de tudo que é em alemão...

Entrevistador 2: Ela entende, né?

Entrevistado: Ela entende tudo em pomerano.

Entrevistador 2: E como que a senhora vê que a pessoa tá precisando ser... é... ser puxada? Se ela não sentir nada... talvez ela chega...

Entrevistado: Mas eu medi ela...

Entrevistador 2: Como é que é?

Entrevistado: Ela vem e fala assim: “eu tô me sentindo mal”. Eu pego e medi ela, né?

Entrevistador 2: Ah tá... por causa da mão, né?

Entrevistado: Por causa da mão. Se eu ver que uma mão tá mais comprida e a outra mais curta aí eu vejo que ali é o problema. Se o senhora quiser tirar cacau pode tirar.

Entrevistador 3: Não, tô só olhando ali.

Entrevistador: Eu fiz foi licor com cacau... lá em Vitória na/na Cúria. Tá lá curtindo. Eu tô deixando ele lá que eu quero que ele entranha... atéé...

(inint 01:01:39) ((transposição de vozes))

Entrevistador 3: Quem plantou isso aqui?

Entrevistado: O pé de cacau? Foi o primeiro pé que eu plantou quando nós compramo essa terra.

Entrevistador 3: Pois é, mas é engraçado eles gosta de ficar debaixo das árvores.

Entrevistado: De baixo das árvores, mas esse daqui gosta da terra boa. Cacau ninguém num precisa falar comigo não. Cacau... esse pé de cacau nós tem o quê? vinte... e um ano que nós mora aqui. Esse pé de cacau foi o primeiro que eu plantei. Aqui num tinha...

Entrevistador 3: A senhora tem mais aí?

Entrevistado: Tem um outro lá mais pra baixo... um pequeno. Mas nunca... quando nós mudemos pra cá, num tinha um pé de fruta, num tinha nada. Era só um paiãozinho que tinha lá... aí depois nós fomos fazendo, foi plantando. Toda muda que plantava pegava.

Entrevistador: Aí a senhora trazia muda...

Entrevistado: de fruta e flor.

Entrevistador 3: Mas a terra aqui é boa.

Entrevistado: É.. aí eu plantava fruta e flor. Plantava e pegava tudo... parece que... a gente gosta de fazer as coisa, né?

Entrevistador 2: E tem um jeito certo de plantar?

Entrevistado: Não, eu acho que não. Eu pego assim... cavo o buraco, só que eu pego a terra de fora e jogo no pé, não aquela que eu tirei do buraco. Ahan... aquela não. Eu não pego aquela que eu tirei, eu pego aquela de fora e jogo. Esses dias meu marido falou assim: “você tem uma besteira dentro de você”. Mas eu falei tem que jogar terra mais forte, aquela de fora é mais forte.

Entrevistador 3: A água aqui é de cisterna?

Entrevistado: É... lá de trás. Oito metro de fundura... a água é.

Entrevistador: Aí tem a bomba?

Entrevistado: Ahan. A bomba eu só ligo ela aí... a bomba... aí a água vem. Eu não preciso ir pegar na mão não.

Entrevistador 2: E tem data/hora certa... assim... hora certa pra plantar, dia certo... alguma coisa?

Entrevistado: Tem os que fala negócio de lua cheia, outros fala na nova. Eu já... nunca olhei isso não. Eu planto... do jeito que dá eu tô plantando. Eu num/tem uns que escolhe a/a/a lua e tudo, mas eu não. Nunca olhei não.

(inint 01:03:31)

Entrevistado: Tirou de novo?

Entrevistado 3: É... tá rançando pra jogar lá pra baixo. Não, Marcos, é pra comer. Pega aqui pra mamãe comer.

(inint 01:03:46) ((Conversa ao fundo))

Entrevistado: Coitadinho ele tirou verde... ele pensa que os verde dá pra comer. É seu pai?

Entrevistador 2: É meu pai... a gente trabalha sempre junto.

Entrevistado: Que bom. Graças a Deus.

Entrevistador 2: A gente/ele sempre viaja comigo, as vezes/eu tenho equipe... as vezes a equipe não pode ir... não dá pra todo mundo. Aí eu falo: nó, pai, vou ter que viajar sozinha. “Vou com você”. (rs) Fica todo empolgado.

(inint 01:04:14)

Entrevistado: É bom, né? quando a gente tem um companheiro junto.

Entrevistador: É... ele sempre viaja/a gente sempre viaja junto.

Entrevistado: Que bom então, né?

Entrevistador 2: Quando eu faço essas pesquisas que eu/eu faço uma pesquisa sobre o meu bisavô. Aí então quando eu tô fazendo essas pesquisas aí que ele empolga mesmo, que é avô dele, né? Aí a gente vai.

Entrevistado: Aí tem que tá lá mesmo, né?

(inin 01:04:33)

Entrevistado: Mas é bom quando a gente pode andar, né? viver.

(inint 01:04:46) ((transposição de vozes))

Entrevistador 2: Bom, Adélia, eu acho que já foi, né?

Entrevistador: Eu queria que a senhora me contasse, como é que foi o casamento da senhora...

Entrevistado: Meu casamento? Meu casamento eu vou contar. Meu casamento... eu era pobre, né? aí quando eu casei... aí tinha...

Entrevistador: Aqui mesmo?

Entrevistado: Eu casei nessa igreja... tinha uma casinha velha aqui atrás... era do município de Itaguaçu eu era, né? lá que meu marido me buscou. Aí eu casei nessa igreja. Da igreja eu vim a pé, ali atrás meu sogro morava... tinha uma casinha velha, lá eles morava. Aí nós fizemos uma festa pequena... pra que cinquenta família só. Aí tinha um pouquinho de lingüiça.

Entrevistador: quantas pessoas deu?

Entrevistado: cinqüenta família acho que dá mais de cem pessoas, né? eu acho que dá sim. Porque aí fizeram um pouquinho de lingüiça, aí nós comemos lingüiça e broto. Aí de noite eles fizeram a dança. (inint 01:06:24) Como que fala em brasileiro agora, Simone?

Entrevistado 2: Aquelas bandeira...

Entrevistado: As bandeira... aí tinha as bandeiras...

Entrevistador 2: Com uma garrafa na ponta?

Entrevistado: É...

Entrevistado 2: Não

Entrevistado: Não, as bandeira não

Entrevistado 2: (inint 01:06:36)

Entrevistado: Um carregava a cachaça dentro da garrafinha... era assim

Entrevistador: Quantas grades de cachaça

Entrevistado: Ah, que eu num me alembro mais não... era assim os litros, né? que eles tinha... cerveja num dava naquela época, né? E num existia... nem cerveja...

Entrevistador 2: Gengibre...

Entrevistado: Gengibre tinha... aquele existia muito...

Entrevistador 2: O gengibre é como?

Entrevistado: Aquele é uma planta que se colhe... dentro da terra ela fica, né?

Entrevistador 2: Mas a bebida gengibre... como que faz a bebida?

Entrevistado: Agora aí você me pegou eu.

Entrevistado 2: cachaça, fermento e gengibre.

Entrevistado: É... é mesmo... cachaça e fermento.

Entrevistador 2: Põe fermento? É o fermento de fubá?

Entrevistado: Feito em casa... fermento eles fazia. Mas hoje em dia acho que não. Hoje em dia o fermento é comprado, né?

Entrevistado 2: Não, mas no meu casamento o Ricardo (inint 01:07:26) ele faz com/ele faz sozinho o fermento ainda.

(inint 01:07:27)

Entrevistado: E muito bom ainda...

Entrevistado 2: O dele é gostoso

Entrevistado: É gostoso.

Entrevistador 2: E fica curtindo? Como é que é? Porque ele põe a cachaça, o gengibre e o fermento e deixa curtir?

Entrevistado 2: Deixa curtir... fermenta...

Entrevistador 2: E curti quanto tempo?

Entrevistado 2: ah, dois dias, né?

Entrevistado: Dois dias.

Entrevistador 2: Dois dias?

Entrevistado 2: aí eles botam um bujão, um barril de pinga ali... lá pro pessoal beber. Bebe quem quiser. Aí tem com álcool e sem álcool.

Entrevistador 2: E esse fermento faz é/é/é... o fermento feito ele é feito de quê?

Entrevistado: De fubá?

Entrevistador: É fermento de fubá também?

Entrevistado: De fubá... eu sei que é de fubá que ele faz. Fermento de fubá e mistura no meio e deixa bem azedar e depois côa. Aí côa ele, você sabe, num pano, né?

Entrevistador: Aí a senhora/a senhora/a família da senhora... todos os vizinhos de... Itaguaçu veio?

Entrevistado: Não. Só veio a minha família mesmo. Que a mamãe não chamou ninguém, você sabe... que a mamãe era pobre, né? e só veio com a família dela. Aí os resto ficou tudo.

Entrevistador: Então seus irmãos e seus pais?

Entrevistado: É. Só. O pai eu nem tinha, né? só tinha a mãe. O pai já era falecido já.

Entrevistador: Então aí o/mas o seu noivo, né? convidou a vizinhança tooda...

Entrevistado: Por aqui ele convidou os vizinhos e só os parente dele... eu acho que era tio e tia... isso ele convidou.

Entrevistador: Aí sexta-feira a noite já começava.

Entrevistado: Sexta-feira já começou...

Entrevistador: O baile?

Entrevistado: Mas eu casei na sexta-feira.

Entrevistador 2: Ahh, a senhora casou na sexta-feira.

Entrevistado: sexta-feira.

Entrevistador 2: Então começou na quinta?

Entrevistado: É... na quinta-feira. Na sexta-feira que eu casei. Naquela época num casava no sábado... só casava na sexta-feira.

Entrevistado 2: Só na sexta-feira

Entrevistado: E você casou que dia, Simone?

Entrevistado 2: Eu casei... você sabe que eu num sei?

Entrevistado: Você sabe se foi no domingo?

Entrevistado 2: Não, foi sábado... eu acho.

Entrevistado: Foi sábado, né? antigamente era assim uns casava quinta outros sexta. Eu sei que eu casei na sexta-feira.

Entrevistador: Mas aí teve baile no sábado ou na quinta?

Entrevistado: Teve na quinta-feira... o baile. Aí na as/ no...

Entrevistador: Mas quebrou louça?

Entrevistado: Não, não quebrou louça lá não. Porque eles era meio esquisito... meu sogro e minha sogra... eles era bem diferente. Eles num gostava de mexer... igual nós quando nós tão junto nós brinca, ri muito. Aquela velha era assim fechada, o velho também era fechado, num gostava de saber de nada. Era difícil. Hoje em dia não. Eu já sou assim, eu converso com Deus e todo mundo. Ihh, a velha tinha um ciúme se eu conversasse com outra pessoa. Hoje em dia os dois já são falecido e aí né...

Entrevistador: Mas vocês foram morar na/no terreno deles?

Entrevistado: Não, aí nós moremos em Limeira primeiro. Nós moramos lá em cima tinha uma casinha velha, nós fomos limpar a casa velha lá tinha as parede tudo que num tava aguentando. Aí o velho, meu sogro, falou assim: “essa parece vai ca/ca/cair em cima de vocês”. Eu falei assim: mas eu morar junto eu num quero, eu falei assim. Ah, morar junto com sogro num serve não.

Entrevistador 2: É, num serve mesmo não.

Entrevistado: O sogro meu até vai, era uma pessoa até boa, mas a sogra...

Entrevistador: Mas algum dos seus cunhado foi morar... com ele?

Entrevistado: Não, nenhum. Nenhum deles.

Entrevistador: Então, nenhum filho foi morar na casa?

Entrevistado: Nenhum foi... porque... depois eles mudaram pra (inint 01:10:22), depois foram pra (inint 01:10:23)... aí eles sumiram pra lá, né? Tem duas menina solteira ainda. Já tá... uma tá com cinquenta e sete...

Entrevistador: Então elas que não saíram de casa?

Entrevistado: Elas... eu conto do jeito delas. Elas arrumava rapaz... todo rapaz que aquelas duas meninas arrumava a velha falava assim: “(inint 01:10:44)”. É só esse defeito que ela dava, aquele praga, que ele não prestava, aquele homem preto... era só isso. Podia ser um branco, um preto, do jeito que fosse, a velha só xingava.... aquele não prestava. Ela falava assim... pra quê falar um troço desse. A minha cunhada mais velha ela tinha um homem bom, eu falo que um rapaz bom mesmo, aí ela falava assim...

Entrevistador: Mas era brasileiro?

Entrevistado: Era brasileiro. A vêia não deixou. Depois a minha cunhada foi pro Rio Grande do Sul, trouxe um homem de lá. Chegou aqui, quando meu filho mais velho casou, aí ela falou assim... nós morava aqui já. Aí ela falou assim: “hoje a Maria/a Irene vai trazer o preto dela. Aquele preto nojento, feio”, ela falou assim. Aí o homem chegou aqui, que cor era? Eu olhei assim falei quê que a velha tá falando preto nojento, feio. E num era feio o homem, coitado. Aí depois ele falou assim: “Adélia, sua sogra sempre me fica falando que eu sou preto, feio, enjoado” (inint 01:11:41), enjoado... ele entendi o quê que era, né? Aí eu falei assim: mas você não pode ligar pra isso. Aí ele falou assim: “eu não guento”, ele falou assim. “porque ela só fica me xingando”. Foi embora pro Rio Grande do Sul, levou ela embora junto... depois ela veio sozinha porque ele num veio mais. Ele tinha falado: “você pode ir lá ficar com a sua mãe, porque eu num vou junto não” (inint 01:12:05) E ficou pra lá.

Entrevistador: (inint 01:12:06) é o quê?

Entrevistado: (inint 01:12:07) é preto. Que ele era preto. Num era preto assim, ele é... um pouquinho mais moreno que ele... assim. Mas ela falava preto.

Entrevistador: Preto do diabo?

Entrevistado: Preto do diabo. Oh, nunca vi uma pessoa assim... carrasca que ele era. O nego, oh, gente preto, pra ela (inint 01:12:25). Eu sempre falava assim: oh, dona (01:12:28) num pode fazer isso não, o preto é gente também, eu falei assim. Porque Deus deixou nós tudo. Ah, mas ela achava ruim. Aí que tinha deserdado a nora... aí a cobra comia mesmo. Ela não gostava não, mas eu falo mesmo. Ela era difícil. Depois a/a caçula tinha arrumado um também, né? também era de branco e meio assim. Aí a velha começou a falar, falar, falar, até que terminou o casamento da menina. Ela não deixou nenhuma filha dela com homem.

Entrevistador: Aí a filha voltou pra casa?

Entrevistado: Voltou pra casa. Aí hoje em dia tão morando lá em Vila Velha, Vila Velha não, Terra Vermelha (01:13:00). Uma tá com cinquenta e sete, e a outra tá com quarenta e... quarenta e nove... acho que ela tá.

Entrevistador: Aí num arrumou menino?

Entrevistado: Não arrumou menino. As duas tão sozinha e o rapaz tá nos Estados Unidos aquele... mas aquele outro fugiu. Eu falo do jeito que é... aquele rapaz era um rapaz bem de vida, ele estudou, ele podia ser até professor tudo, mas aí ele arrumou uma coisa lá em Vitória num sei com quem, né? ninguém nunca falou nada, né? Aí acho... uns falou com nós que ele aprontou com a família lá, né? mexeu com a família, né? aí então... ele tinha que correr daqui. Aí ele foi pros Estados Unidos. E nunca mais veio. E os pais dele morreu (inint 01:13:41) Aí eles falava sempre assim que o menino trabalhava em Belo Horizonte, quando o velho morreu eles falava que o menino trabalhava em Belo Horizonte. Aí eu falei: mas por quê que o (inint 01:13:51) num veio? De Belo Horizonte até aqui dava pra vir, eu falei. Quando a velha morreu, veio de novo. Aí eu falei assim: escuta cá, eu falei assim, (inint 01:14:01) se ele tivesse em Belo Horizonte ele podia vim mesmo no enterro dos dois velho, porque todos dois eu aceitei dentro de minha casa. Eles morreram em (inint 01:14:08) eu aceitei eles dentro de minha casa. Aí eu falei assim com minha cunhada: por quê que vocês conta mentira? Aí depois meu filho mais velho jogou na internet. Aí descobriu aonde que ele tava. Tava

nos Estados Unidos. Aí ele pegou falou assim: “escuta cá, tia, vocês todos dois contaram mentira. Vovô morreu com mentira e a vovó também morreu com mentira. Vocês falaram que o (inin 01:14:32) tava em Belo Horizonte, cadê o (inin 01:14:34), tia? Tá nos Estados Unidos”, ele falou assim. Aí a Irene diz que chorou, chorou, falou assim: “é verdade. Ele tá nos Estados Unidos. Nós num queria falar”. Aí meu filho mais velho falou assim: “mas por que vocês num contaram a verdade pro vovô mais a vovó?”. “Mas eles num podia saber assim não”... podia saber, né? eu acho que é melhor do que contar mentira, né? E eles não contaram... foram embora. Esses tempo atrás ele mandou trezentos real pro meu netinho também. Ele mandou, num sei como é que faz isso. E ele não veio aqui. Aí ele tinha falado pra nós cuidar bem do netinho, pra ajudar ele porque hoje em dia é difícil. Agora tão fácil ele não ia vim pro Brasil, ele tinha falado. É difícil.

Entrevistador: Casou lá?

Entrevistado: Não, tá solteirão ainda. Solteirão tá. Num casou, tá lá sozinho. É difícil assim...

Entrevistador: E aí quando seus sogros morreram, morreram lá em Vitória?

Entrevistado: Não... morreram em (inint 01:15:26)

Entrevistador: Aí veio fazer velório aqui?

Entrevistado: Veio fazer velório aqui.

Entrevistador: E teve alguma coisa especial... ou/ou/não... especial não... é porque é diferente do que a gente faz.

Entrevistado: Sim. Aí só fizeram/nós só fizemos só pão... eu e minha irmã, né? porque a velha morreu acho que era nove horas da noite e o velho morreu também acho que quase essa hora. Aí... primeiro morreu meu sogro, né? aí o meu menino trouxe eles lá de (inin 01:15:53) o meu menino trouxe... ele. Aí falou: “mamãe, eu trouxe o vovô e... eu queria levar na igreja”. E aquilo eu não aceitei, eu falei: não, tem casa, eu falei assim... o velho deu a casa pra nós, falei assim... então tem casa, eu falei assim. Aí pegaram...

Entrevistador: Só os que não tem... não tem condição nenhuma de receber em casa é que num fica em casa?

Entrevistado: Ahan. Eu falei: traz ele aqui. Aí meu menino veio sozinho... com o (inint 01:16:08) e o meu menino. E o meu velho, o quê que eu tinha? Bebida toda, num viu nem chegar. De manhã cedo quando acordou, eu falei assim: você já olhou seu pai? Ele fez como num tinha nada. Aquilo me entrou na cabeça assim (inint 01:16:36) falou assim: “como é que pode ter um filho assim?” Eu falei assim: ele nem sabe. Aí começou a beber... acho que ele nem viu levar o pai dele no cemitério.

Entrevistador: Aí ele não foi?

Entrevistado: Foi no cemitério, mas ele nem sabia. Nós nem sabe se depois disso ele seguiu ou não o caminho.

Entrevistador 2: Eles morreu perto um do outro?

Entrevistado: Olha, um ano e um mês o velho tava morto e a velha morreu. Morreu pertinho.

Entrevistador: Eu vim no enterro da/da...

Entrevistado: da velha, né? É.. coitada

Entrevistador: É... da velha eu vim.

Entrevistado: Depois eu fiquei com dó... depois eu fiquei com dó... os dois já morreram eu falei assim: eu não vou falar nada, eu falei assim. Só que ele num/os dois velho não teve filho... isso eu falo.

Entrevistador: Aí... eles na sala e todo mundo aqui fora bebendo uma cachaça?

Entrevistado: Não, não. Cachaça não. Aí... aqueles que era novo bebia café com leite, manteiga e broto tinha, né? Minha irmã fazia/fez... de noite nós fizemos o pão. Ali nós ficamos até que meu filho chegou... meu filho chegou o velho, meu sogro, uma e meia da/da madrugada chegou (inint 01:17:37) trouxe ele. E da minha sogra a mesma coisa quase... quase igual também. E meu filho ajudou a arrumar o velho, ajudou a arrumar a velha.

Entrevistador 2: E o que que faz pra arrumar? Como é que era?

Entrevistado: Eles botaram ele lá dentro (inint 01:17:52) Aí põe lá dentro... ajudou. Falou “eu quero que põe essa roupa aqui”, que tem que botar no fundo, né? Aqui assim bota um trevisseiro... isso tudo ele ajudou a fazer.

Entrevistador: E colocou alguma coisa? Um/ algum pertence dele junto?

Entrevistado: Olha, esse daqui dos velho... acho que num foi nenhum.

Entrevistador 2: Mas era costume, num era?

Entrevistado: Era costume. Se você tiver um retrato ou uma bíblia que você gostar, você podia botar junto. Agora... esse velho num ganharam não. Aí eu sempre falo... aqueles velho, coitados...

Entrevistador: Porque também ficou as coisa tudo pra lá, pra (inint 01:18:27)

Entrevistado: É. Ficou tudo pra lá, ninguém num trouxe nada. Aí eu só falei assim, quando minha sogra tava morta eu falei assim: vocês podia botar um vestido mais bonito pra ela do eu esse aqui. Aí o meu menino falou assim: “mamãe, eu queria, mas as menina num queria”. As menina não queria botar um vestido novo na velha. Aí foi assim... coitada.

Entrevistador: Mas negócio de funerária tem alguns anos só... porque antes fazia sozinho, né?

Entrevistado: É. Sozinho... tudo, tudo. Antigamente era tudo sozinho. O velório da tia Maria foi feio na minha casa. Da tia Maria num foi levado em lugar nenhum.

Entrevistador: E o quê que colocaram no caixão dela?

Entrevistado: Ali foram as roupas que ela gostava mais, você sabe? As roupas mais que ela gostava botava dentro e...

Entrevistador 2: Nossa aquele enterro foi (inint 01:19:12)

Entrevistador: A bíblia dela?

Entrevistado: A bíblia dela foi, ela tinha uma foto que era do pai dela antigamente, ela lev/eles botaram junto. Ela falava pra no dia que ela morrer botar a foto dela. Botaram tudo dentro.

Entrevistador: E aí veste ela com a melhor roupa... que ela gostava.

Entrevistado: É. Mais roupa que ela gostava

Entrevistador: Põe por baixo dela a roupa que ela/que ela... mais gostava?

Entrevistado: É. Só que ela não aceitou fechar ela toda de flor, só daqui pra baixo.

Entrevistador: Ela que tinha dito?

Entrevistado: É. Ela falou assim: “quando eu morrer eu num quero que vocês me tampa tudo de flor. Só em volta assim”, foi a carreira que eles fizeram cercando a tumba/o caixão, né? As flor aqui e aqui... o resto ficou aberto. Ela não queria. Ela tinha falado “como é que o pessoal vai pegar na minha mão?”... e é verdade. Mesmo quando você olha assim que tem alguém morto... eu sempre falo com a Simone... nunca bota essa mão esquerda em cima da direita. Você tem que botar a direita em cima da esquerda... porque se você vem cumprimentar a pessoa, você pega na mão direita...

Entrevistador: É... cumprimenta na mão direita...

Entrevistado: Mão direita. E teve gente já... eu fui no enterro falei assim: gente, essa mão tá errada. Eu já fiz isso.

Entrevistador: Porque... a pessoa chega no velório ela vai lá...

Entrevistado: Pega na mão, né?

Entrevistador 2: Não, mas a mão do defunto? A mão direita em cima da esquerda.

Entrevistado: Nunca pode ser a direita/a.../a... quer dizer a esquerda em cima da direita. Nunca pode. Tem que ser a esquerda na direita/a direita na esquerda. É assim que tem que ser... era muito bom, nossa vida, eu sempre falo que num é bom. Gente, eu tinha que fazer ao menos um café pra vocês.

Entrevistador: Não precisa não.

Entrevistador 2: Não esquentar com a gente não, dona Adélia. Nós estamos aqui enchendo a senhora de pergunta (risos)

Entrevistado: É verdade. Mas eu vou contar uma história pra vocês ainda (risos). Mas vocês vai rir demais. Aí eu mais a minha irmã e a outra mais velha... aí nós tinha um

ramo de feijão (inint 01:21:08) assim, né? Aí o gatinho ia lá sempre derrubava... e era da minha irmã mais velha. A minha irmã foi no paiol... pá pá... matou meu gatinho. Aí eu mais minha outra irmã nós choremos a noite inteira. “Aiii, nosso gatinho”. Aí no outro dia nós foi fazer o enterro, pensa bem como é que as criança era. Nós subimos no morrinho ali em cima, enterramo o gato, levamos flor e sentemos lá eu e mais a (inint 01:21:35), nós duas choremos tanto, tanto. Mamãe precisou vim com a vara tocar nós pra ir embora. Mamãe falava assim: “minhas filha, vocês tão ficando doida?”... ela falava assim. “chorando por causa de um gato”. Aí outro dia morreu um pintinho. Vai nós duas de novo... vai nós pro enterro. E choremos, choremos, choremos mesmo. Não tinha jeito. Eu sempre falo que doideira que nós fizemos, porque tudo que enterrava nós chorava e tinha que botar flor. Aí nos falava assim: “eles num bota cruz em cima das pessoas, tem que botar cruz em cima das criação também”. Assim nós era. Depois morria de rir daquilo.

Entrevistador: Mas sempre você e sua irmã?

Entrevistado: Sempre nós duas junto. Hoje em dia se eu tiver com o pé fora, ela tá pronta. Assim nós duas somos. Se ela falar assim “hoje nós vão trabalhar lá”, é nós vão. Assim nós duas somos. Com os casamento... nós são chamada aqui em baixo dia vinte... pra trabalhar no casamento. Aí ela falou assim: “se você for, eu vou”

Entrevistador: Mas é de cozinheira responsável?

Entrevistado: É... de cozinhar e... ajudar a fazer lingüiça. Dia vinte, né?

Entrevistador: Então vai ser broto e lingüiça?

Entrevistado: É. Broto e lingüiça. Um casamentão. Agora não sei lá em cima no Jacó no... Jacó... como é que ele chama? (inint 01:22:47), né?

Entrevistador: Não, Novino Jacó

Entrevistado: Novino

Entrevistador: Lá a noite vai casar de preto como antigamente.

Entrevistado: Ah viu...

Entrevistador 2: A senhora casou de preto?

Entrevistado: Não, eu casei com branco... (inint 01:23:01) Não era tão antigo mais, já era mais... tem muitos anos, né?

Entrevistador: No casamento da senhora teve broto e lingüiça ou teve jantar?

Entrevistado: Não, broto e lingüiça... lá não teve jantar.

Entrevistador: E... mais tinha doce...

Entrevistado: Doce de mamão e manteiga que tinha... e café com leite. E tinha café doce também. E sempre tinha.

Entrevistador: E no almoço?

Entrevistado: No almoço tinha pouca gente, né? num era muita gente... aí fazia arroz, feijão e carne, né? era normal. Tem uma moto parada ou é eu que tô enxergando demais?

Entrevistador: Ela tá parada lá.

Entrevistado: Tem uma coisa parada... num sei o que é não.

Entrevistador: Deve ser alguém pra puxar.

Entrevistador 2: Deve ser mais um pra puxar, né?

Entrevistado: Deve ser. Aqui em casa é todo dia, todo dia. Num tem um dia que num vem ninguém. Se eu falar assim hoje num veio ninguém, é um milagre que eu falo. Todo dia. Olha, foi... que dia que foi que eu vim embora?... eu sei que eu vim embora... eu sei que eu vim embora de num sei que lugar. Ah, nós foi no casamento lá do/do/do (inint 01:24:07) como é que chama aquele lugar lá no...

Entrevistador: (inint 01:24:09)

Entrevistado: (inint 01:24:10) aquele dia... no outro dia veio tanta gente pra puxar (inint 01:24:16). “Cadê dona Adélia?”. Aí o velho falou assim: “ela foi pro baile”, ele tinha falado. E lá eu dancei... falar a verdade. Cheguei, meu cabelo é curto, mas tava molhadinho. Mas nós dancemos. Passei mal. Aí o velho falou assim: “fica na poeira lá dançando e depois tá passando mal”. Eu falei: meu velho, você vai me desculpar, a

poeira nunca fez mal pra mim, eu falei assim. E tá chegando mesmo, nem sei quem que é. Não é a Márcia, né? ou não?

Entrevistador 2: Não... é uma criança.

Entrevistado: A mulher com as criança.

Entrevistador 2: Andreia.

Entrevistado: Andreia. Ah, é que ele foi toda vida assim, eu falei assim. Opa! Pode vim. Tô aqui. Trazendo a nossa moça, né?... ..

Entrevistado 2: Pera aí Marcos a titia quer entrar agora.

Entrevistado: Deixa a titia passar primeiro. Ela vai só passar com o neném aí depois você pode fechar. Se você souber, Andreia, o que eles tão fazendo comigo. Uma reunião aqui... eles vai levar eu embora... eu não posso puxar ninguém.

Entrevistado 5: Ah, mas aí num pode, né?

Entrevistado: Num pode, né, Andréia. Nunca, né?... E a nossa fofa, tá doente?... É?... Você tá doente?... mas a pequena eu num mostrei como é que eu puxava, né?

Entrevistador 2: É, pois é...Agora dá pra ver, agora é diferente...

Entrevistado: Você tá com saluço?... então deixa a titia sentar nesse banco aqui... aí a titia vai olhar se ela tá quebrada ou não. (inint 01:25:40)

((transposição de vozes))

Entrevistado: E quando eles tão quebrado eles num dorme de noite. Eles chora, chora e eles num sabe falar. (inint 01:26:21)

Entrevistador 3: Ela fica quietinha, mas num solta a perna não.

Entrevistador: tá acostumada. Ele também quando era pequeno ficava quetinho, né?

(inint 01:26:48) ((transposição de vozes))

Entrevistado: Aí depois olha até onde eu chego com a criança... .. puxar a perna... .. e aqui já chegou. (inint 01:27:06) Aqui tá bom... chegou aqui a perninha do neném... se não chegar as duas...

Entrevistador: Enquanto não tá andando... aí depois que...

Entrevistado: Depois quando tiver uns dois anos aí eu gosto de botar no banquinho pra puxar. Quê que você quer, Aline? Mamãe? Gostoso... da mamãe é mais gostoso que a titia, fala. (inint 01:27:30)

((transposição de vozes))

Entrevistado: Quando a criança tá pequena é bom dar poejo...

Entrevistador 2: Poejo?

Entrevistado: Ahan. Fazer um chazinho

Entrevistado 5: Um chá de poejo é muito bom.

Entrevistado: dorme melhor. Cuidado se rebentar, Márcia... Bater na cara dele (inint 01:28:13) oh viu, ele soltou.

Entrevistador 2: A cara dele... tô fazendo bagunça (rs)

Entrevistado 5: Quanto tempo eu num trouxe mais ele aqui.

Entrevistado: Quanto tempo agora, né, Andreia? Quanto tempo, né? Mas você pode olhar, quando ele vem doente ele se deixa puxar.

Entrevistado 5: Ele se deixa puxar.

Entrevistador: Aé?

Entrevistado: Eu já vi muitas vezes, quando ele tá doente... vem quetinho assim... pode olhar que ele tá doente.

Entrevistado 5: Vem quetinho, né? depois volta...

Entrevistado: Puxou...

Entrevistado 5: Melhora...

Entrevistado: Ele melhora. Do jeito que ela falou, Andreia, se as criança tiver quebrada elas num dorme de noite. Fica se rebo/jogando pra lá e pra cá. Que num é uma coisa errada que a gente faz. Pegou uma cobrona, né?

Entrevistador 2: Gente, vamos puxar o carro, vamos seguir?

Entrevistado: É cedo ainda

Entrevistador 2: Vão seguir, gente?

Entrevistado: Se não tiver nada errado que eu falei...

Entrevistador 2: Não (rs) a senhora foi excelente.

Entrevistador: De jeito nenhum.

Entrevistado: A gente tenta lembrar de tudo... tem muita coisa, mas eu num lembro. Umas coisas que eu queria falar hoje, mas eu num lembro mais.

Entrevistador: Não, mas tá ótimo.

Entrevistador 2: Tá ótimo mesmo.

Entrevistado: É...

Entrevistador 2: Eu queria, dona Adélia, é o telefone da senhora.

Entrevistado: Eu não tenho telefone

Entrevistador 2: Não tem? Tem alguém que a gente pode ligar?

Entrevistado: Tem a dona Leonir ali, mas aí se você quiser eu te dou aqui o telefone.

Entrevistador 2: Aí a senhora me dá o telefone?

Entrevistado: Eu tenho aqui... .. olha, eu tenho meus irmãos... eles ficam tão feliz... eles falam assim: “Adélia é uma boa pessoa, que ajuda os outros”. Aí eu falo assim: Graças a Deus... Deixa eu ver se eu acho ele agora, né? da Leonir... ..Le. o. nir... acho que é esse... Leonir, né? Le. o. nir... aqui.

Entrevistador 2: Tá. Aí lá se eu ligar pra ela, ela pode chamar a senhora?

Entrevistado: Ela chama... Ela chama. Ela é uma boa pessoa... Ah lá tá chagando mais uma pessoa..

Entrevistador 2: É... bem que a senhora falou mesmo.

Entrevistado: Aqui em casa é o dia. Oi... Pode vim... não acho que aqui na porta não tem não.

Entrevistado 2: Ele tá ali, mas ele só dorme.

Entrevistado: Aquele véio tava ali deitado, né? Entra, Leléia. Você veio de quê, Leléia?

Entrevistado 6: Vim de moto

Entrevistado: Ah você que trouxe a Andreia?

Entrevistado 5: Não.

Entrevistado: Quem trouxe a Andreia então?

Entrevistado 5: o Amilton.

Entrevistado: Ah, o Amilton...

Entrevistado 6: É... o Amilton trouxe a Andreia e eu vim sozinha.

Entrevistado 5: Nós num tinha combinado que nós ia vim (inint 01:31:25)

Entrevistado: Domingo tem nossa festinha na nossa igreja, né? pra nós ajudar nossa igreja.

(inint 01:31:36)

Entrevistado: Aí vem muita gente almoçar... aí acho que eles vão (inint 01:31:41) e vão matar um porco amanhã...

Entrevistado 6: Amanhã?

Entrevistado: Amanhã... pra fazer churrasco domingo. Porque vai ter jogo ali atrás na quadra.

Entrevistado 5: (inint 01:31:48)

Entrevistado: Eu sei que eles vão matar (inint 01:31:52) e um porco. O porco acho que é sete arroba ele tem... pra fazer churrasco. E o boi... você sabe mais ou menos quanto que é assim? Porque senão a carne não vai dar. Mês passado eu queria comer... cheguei por último num comi.

Entrevistado 5: Não deu... até umas duas, três horas acabou tudo...

Entrevistado: Aí eu falei dessa vez a gente tinha que fazer mais carne, porque a carne é importante, né? porque as pessoas gosta de carne. Eu sou assim... churrasco e porco é comigo. Aquele dia quando Simone chamou nós lá no aniversário do Marcos... nossa senhora, eu só comi churrasco. É muito bom. Uma delícia aquele. Ah é gostoso demais.

Entrevistador: É... é bom.

Entrevistado: Eu falo mesmo que é gostoso.

((transposição de vozes))

Entrevistador 2: Dona Adélia, muito obrigada.

Entrevistado: Tchau, tudo de bom pra você, filha.

Entrevistador 2: Pra senhora também

Entrevistado: Eu tô tudo cheia de suor... Tchau, tudo de bom pro senhora, tá?... Num fiz nem um café pra vocês.

Entrevistador 2: Preocupa não.

Entrevistado: Tchau.